

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE PSICOLOGIA



**SENTIDO PSICOLÓGICO DE COMUNIDADE E IMPORTÂNCIA DA
COMUNIDADE: ESTUDO DE UMA COMUNIDADE GEOGRÁFICA**

Sara Catela Monteiro

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE PSICOLOGIA



**SENTIDO PSICOLÓGICO DE COMUNIDADE E IMPORTÂNCIA DA
COMUNIDADE: ESTUDO DE UMA COMUNIDADE GEOGRÁFICA**

Sara Catela Monteiro

Dissertação Orientada pelo Professor Doutor Wolfgang Rüdiger Lind

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Wolfgang Rüdiger Lind, pela orientação e disponibilidade com que sempre atendeu às inúmeras dúvidas e hesitações que surgiram ao longo deste ano,

À Raquel Glória, pela imprescindível ajuda e colaboração, mas acima de tudo pela presença genuína e luminosa com que preenche a minha vida,

Aos meus amigos Maria Cazenave e Marcelo Marques um agradecimento pela amizade sincera, pelas palavras transparentes e pela força que transportam consigo e que sempre me transmitiram, ao longo desta etapa e de tantas outras que passaram,

À Ilundi Patraquim, uma das pessoas com quem mais cresci e aprendi ao longo dos últimos anos, agradeço-lhe muito a forma como me escutou e esteve presente, como mais ninguém, nos momentos difíceis,

Ao Bruno Mota, o eterno libertino que sempre me rouba as mais sinceras gargalhas,

Ao António Frazão, que constantemente me recorda que a amizade possui mundos que se estendem além de ideologias,

À Rita Chichorro pela preciosa companhia nos longos dias de “festa na biblioteca”, mas sobretudo pelo percurso que partilhámos e (re)construímos,

À Filipa Noronha, companheira de infindáveis e inacreditáveis aventuras, e uma amiga para a vida,

À Maria Teresa, que me faz gastar lenços nas mais dramáticas sessões de cinema, e que é, acima de tudo, uma fiel amiga que compreende como poucos a linguagem que me é característica,

À Leonor Oliveira, de quem nunca me esqueço, agradeço o apoio, amizade e incentivo, sem os quais teria sido impossível chegar a esta etapa,

À Marta Castela agradeço a presença ausente de fronteiras e as viagens noturnas por Lisboa, enquanto se esgotavam as músicas mas se alargava a amizade,

À Andreia Baptista, que ocupou comigo as varandas Lisboetas em discussões infundáveis e me apresentou a sistémica,

Agradeço também ao grupo de orientação, salientando a minha amiga e sócia de empresas ocasionais, Lisa Palecsek, que sempre desperta a Áustria que adormeci em mim,

Um agradecimento especial à Ana Carapinha, por ter partilhado comigo a sua experiência pessoal,

I also want to thank my group of foreign friends, which made me reconsider the concept of borders, and continuously refresh my will to be with them,

Finalmente, à minha família agradeço todo o amor e apoio, sem os quais nada teria sido possível.

Resumo

A presente investigação teve como objetivo principal a análise das variáveis *Sentido Psicológico de Comunidade* e *Importância da Comunidade* numa comunidade em que coabitam dois tipos distintos de populações – uma população realojada e uma população não realojada. Foram definidas três amostras distintas, emparelhadas de acordo com idade e sexo, existindo uma amostra da população que não vivenciou o processo de realojamento (venda livre), composta por 50 sujeitos, uma amostra representativa da população abrangida pelo Plano Especial de Realojamento constituída por 58 sujeitos e uma amostra constituída por inquiridos de diversas zonas do país, composta por 73 sujeitos. A perceção do *Sentido Psicológico de Comunidade* foi medida pela *Escala Breve de Sentido de Comunidade* (EBSC; *Brief Sense of Community Scale* de Peterson, Speer e McMillan, 2008; versão adaptada por Marante, 2010) e a *Importância de Comunidade* foi medida pela Escala de Importância de Comunidade de Moreira e Lind (no prelo). Os resultados indicam diferenças significativas no *Sentido Psicológico de Comunidade* que revelam valores mais reduzidos desta variável para a amostra de venda livre. Em relação à *Importância de Comunidade*, os valores não diferem significativamente entre amostras. Os resultados foram analisados em função das *Variáveis Sociodemográficas Escolaridade, Grupo Profissional, Número de Filhos, Tempo de Residência e Número de Atividades Realizadas*.

Palavras-chave: *Sentido Psicológico de Comunidade, Importância de Comunidade, Realojamento.*

Abstract

Sense of Community and Importance of Community: A Local Community Study

The aim of the present investigation was to analyze *Psychological Sense of Community* and *Importance of Community* in a community where two distinct populations inhabit – a relocated and a non-relocated population. Three different samples were defined and matched according to gender and age: a sample of the population which didn't experience the process of resettlement (non-relocated sample) composed of 50 subjects; a representative sample of the population covered by the Special Rehousing Plan (relocated sample) that consists in 58 subjects and a sample of respondents from various parts of the country, comprised of 73 subjects. The perception of *Psychological Sense of Community Scale* was measured by the *Brief Sense of Community Scale* (EBSC; Peterson, Speer, and McMillan, 2008; adapted by Marante, 2010) and *Community Importance* was measured by the *Importance of the Community Scale* (Moreira & Lind, in press). The results indicate significant differences in *Psychological Sense of Community* showing lower values of this variable for the non-relocated sample. The values regarding the *Importance of Community* do not differ significantly between samples. The results were analyzed jointly with the demographic variables *Education, Professional Group, Number of Children, Length of Residence and Participation in Neighborhood Activities*.

Keywords: *Sense of Community, Importance of Community, Relocation*

Índice Geral

Introdução	1
Capítulo I – Enquadramento Teórico	2
1.1. Sentido Psicológico de Comunidade	2
1.2. Críticas ao Modelo de McMillan e Chavis (1986)	6
1.3 Fatores Influentes no SPC e Benefícios Associados	6
1.4 Comunidade – Geografia ou Relação?	7
1.5 Realojamento	9
Capítulo II – Metodologia	13
2.1. Objetivos do Estudo	13
2.1.1. Questões de Investigação	13
2.2. Seleção da Amostra	14
2.2.1. Amostra Normativa	15
2.2.2. Caracterização da Amostra Normativa	15
2.2.3. Amostra Alta de Lisboa	16
2.2.3.1. Amostra Realojamento	16
2.2.3.2. Caracterização da Amostra Realojamento	17
2.2.3.3. Amostra de Venda Livre	19
2.2.3.4. Caracterização da Amostra Venda Livre	19
2.3. Descrição Comparativa das Amostras	21
2.4. Instrumentos	23
2.4.1. <i>Escala Breve de Sentido de Comunidade (EBSC)</i>	23
2.4.2. <i>Escala de Importância da Comunidade (EIC)</i>	24
Capítulo III – Resultados	26

3. Escala Breve de Sentido de Comunidade (EBSC)	26
3.1. Consistência Interna EBSC	26
3.2. Análise Fatorial Exploratória	27
3.2.2. Método de Análise dos Componentes Principais	27
3.2.3. Extração Fatores	27
3.3. ANOVA a um Fator (<i>One Way</i>) dos Resultados da EBSC	29
3.4. Escala de Importância da Comunidade.....	33
3.4.1. Consistência Interna da Medida	33
3.4.2. ANOVA a um Fator (<i>One Way</i>) dos Resultados da EIC	33
3.5. Correlação EBSC e EIC	34
3.6. Relação entre Variáveis Sociodemográficas e <i>Sentido Psicológico de Comunidade</i> ...35	
3.7. ANOVA das Variáveis Sociodemográficas entre Grupos	38

Capítulo IV – Discussão e Conclusões41

4.1. Integração e Discussão dos Resultados Empíricos	41
4.2. <i>Sentido Psicológico de Comunidade</i>	41
4.2.1. <i>Sentido Psicológico de Comunidade</i> – Dimensões Subjacentes	43
4.2.1.1. Dimensão <i>Envolvimento</i>	43
4.2.1.2. Dimensão <i>Satisfação de Necessidades</i>	46
4.3. <i>Importância da Comunidade</i>	48
4.4. Implicações Futuras do Presente Estudo e Principais Limitações	49

Bibliografia

Anexos

Índice de Gráficos

Gráfico 2.3. Nível de Escolaridade dos Inquiridos por Amostra	22
--	----

Índice de Quadros

Quadro 2.2.3.2. Grupos Profissionais da Amostra de Realojamento	18
Quadro 2.2.3.3. Grupos Profissionais da Amostra de Venda Livre.....	20
Quadro 2.4.1. <i>Escala Breve de Sentido de Comunidade</i>	23
Quadro 2.4.2. <i>Escala de Importância da Comunidade</i>	24
Quadro 3.1.1. <i>Alphas de Cronbach</i> , Médias, Máximos e Mínimos da EBSC	26
Quadro 3.2.1.3. Análise da Variância Total Explicada pelos Componentes da EBSC	27
Quadro 3.2.1.4. Matriz de Componentes após Rotação	28
Quadro 3.3.1. Médias e Desvio-Padrão da EBSC Total	29
Quadro 3.3.2. ANOVA EBSC Total – Comparações Múltiplas	30
Quadro 3.3.3. Médias e Desvio-Padrão das Dimensões da EBSC por Amostra	31
Quadro 3.3.4. ANOVA das Dimensões da EBSC – Comparações Múltiplas	31
Quadro 3.4.1. <i>Alphas de Cronbach</i> da EIC	33
Quadro 3.4.2. Médias e Desvio-Padrão da EIC	33
Quadro 3.4.3. ANOVA do Total EIC – Comparações Múltiplas	34
Quadro 3.5. Correlação <i>Spearman</i> entre Totais da EBSC e EIC	35
Quadro 3.6.1. Correlação entre Variáveis Sociodemográficas e o Total EBSC	35
Quadro 3.6.2. Correlações entre Variáveis Sociodemográficas e as Dimensões da EBSC	37
Quadro 3.7.1. ANOVA das Variáveis Sociodemográficas – Comparações Múltiplas....	38
Quadro 3.7.2. Variáveis Sociodemográficas – Médias e Desvio Padrão Por Amostra..	39

Introdução

A atual área da Alta de Lisboa constituía-se, no final dos anos 90, como a zona de maior concentração de barracas e alojamento precário em Lisboa. Abarcando cerca de uma década de um percurso caracterizado por múltiplos programas de realojamento, que alcançaram maior expressão no período compreendido entre 2000 e 2001, e se estenderam de 1997 a 2007, a Alta de Lisboa constitui-se como um território sócio urbanístico de grande heterogeneidade (CEDRU, 2010). Apesar da conclusão do conjunto de planos de realojamento ter sido perfeita há cerca de uma década, as problemáticas que a acompanham está longe de concluída, enfatizando-se, além da heterogeneidade social, a dificuldade na apropriação e consolidação das múltiplas realidades e populações que integram este espaço urbano. Neste sentido, enfatiza-se a promoção de programas comunitários, que possam atuar sobre a forma como a população se identifica e apropria do território. Importa promover o *Sentido Psicológico de Comunidade*, enquanto mecanismo mediador desta relação de identificação com o novo espaço residencial e comunitário.

O presente estudo pretende debruçar-se sobre a vivência comunitária de duas comunidades distintas que partilham um mesmo espaço territorial, circunscrito ao território da Alta de Lisboa. Trata-se de um estudo composto por quatro partes essenciais. Uma primeira parte diz respeito à revisão de literatura que reúne uma exploração dos conceitos *Sentido Psicológico de Comunidade*, dos fatores que influem o *Sentido Psicológico de Comunidade*, dos benefícios associados ao *Sentido Psicológico de Comunidade*, do conceito de *Comunidade* e também dos aspetos relevantes relativos à temática do realojamento. A segunda parte reporta-se à metodologia, onde são apresentadas as principais questões da investigação, onde é descrita a recolha da amostra, assim como é explanada a sua composição, o procedimento da recolha e os instrumentos utilizados. A terceira parte diz respeito à apresentação dos principais resultados do estudo, conjuntamente com a apresentação da estatística utilizada. A quarta e última parte refere-se à discussão e conclusões do presente estudo, sendo levantadas hipóteses para os resultados obtidos, assim como apresentadas as implicações práticas e as principais limitações do presente estudo.

I. Enquadramento Teórico

O Capítulo I pretende apresentar a revisão de literatura mais pertinente relativa aos conceitos *Sentido Psicológico de Comunidade*, *Comunidade* e *Realojamento*, de forma a possibilitar a compreensão do presente estudo.

1.1. *Sentido Psicológico de Comunidade*

O termo *Sentido Psicológico de Comunidade*¹ surgiu primeiramente em 1974, mediante a formulação do psicólogo Seymour Sarason que o apontou como um conceito fulcral na área da Psicologia Comunitária (Amaro, 2007). Este mesmo autor apresentava-o como “o sentimento de que somos parte de uma rede de relacionamentos de suporte mútuo, sempre disponível e da qual podemos depender” (Sarason, 1974, p.1 cit. por Amaro, 2007). Apontou-o igualmente como um “sentimento” preventivo, na medida em que antecipa e previne a experiência de “sentimentos prolongados de solidão” (Sarason, 1974, p.1, cit. por Amaro, 2007). Sarason salientou a dimensão de reciprocidade e interdependência que o SPC abarca, destacando o carácter volitivo da manutenção desta interdependência. Destacou também o papel dos membros da comunidade, afirmando que enquanto elementos de um grupo comunitário vamos “dando ou fazendo pelos outros o que esperamos que nos façam a nós, [constituindo-se este como] o sentimento de que somos parte de uma grande e estável estrutura da qual podemos depender” (p.157, cit. por Amaro, 2007). O conceito pelo autor desenvolvido tem vindo a destacar-se fortemente na intervenção comunitária dado que a ausência de um *Sentido Psicológico de Comunidade* poder-se-ia desenhar de forma extremamente destrutiva, nomeadamente na dissolução ou abolição de redes e sistemas de apoio, da integração ou da interdependência social (Sánchez-Vidal, 1991). Neste sentido, a reconstrução do SPC evidencia-se como um dos objetivos centrais da Psicologia Comunitária, até porque, conceptualmente representa o “ponto de encontro, o elo de ligação, entre o individual e o coletivo” (Sánchez-Vidal, 1991, p. 45).

¹ A literatura abarca um conjunto diversificado de denominações para o presente conceito, tais como *Sentido de Comunidade*, *Sentimento Psicológico de Comunidade*, *Perceção do Sentido de Comunidade*. No presente trabalho será utilizada a designação *Sentido Psicológico de Comunidade* e será doravante designado SPC

Um conjunto de autores, ligados à investigação em ciências sociais, assim como ao urbanismo e ambiente, preconizaram múltiplas tentativas de definição e quantificação deste conceito mas foi apenas em 1986 que se assistiu à formalização daquela que é a teoria de SPC que mais acordo teórico reuniu (Amaro, 2007). Foi apresentada por McMillan & Chavis em 1986 e surgiu visando colmatar lacunas teóricas das propostas antecedentes (McMillan & Chavis, 1986). Nesta, os autores intentavam responder à necessidade de clareza na definição e teoria relativa ao SPC, clareza esta que permitisse identificar as suas partes constituintes, manter a dimensão de relação subjacente (íntima e calorosa), providenciando, simultaneamente, uma descrição dinâmica relativa ao desenvolvimento e manutenção da experiência associada ao SPC (McMillan & Chavis, 1986). O *Sentido Psicológico de Comunidade* consiste pois, segundo os autores, num “sentimento de pertença que os membros possuem, de que os membros se preocupam uns com os outros e com o grupo, e uma fé partilhada de que as necessidades dos membros serão satisfeitas através do compromisso de permanecerem juntos” (McMillan & Chavis, p.9, 1986). A proposta de McMillan & Chavis de 1986 abarca, então, quatro elementos fundamentais – *estatuto de membro, influência, integração e satisfação de necessidades e ligação emocional partilhada*.

O *estatuto de membro* reporta-se ao sentimento de pertença ou partilha de um relacionamento pessoal, e é mediado, em parte, pela existência de fronteiras que delimitam a pertença ou exclusão. Estas podem ser mais ou menos explícitas, sendo muitas vezes suficientemente subtis para que o acesso ao reconhecimento se limite aos elementos da própria comunidade (e.g. *graffitis* de gangs específicos) (Berger & Neuhaus, 1977; Bernhard, 1973, citados por McMillan & Chavis, 1986). Berger e Neuhaus (1977, citados por McMillan & Chavis, 1986) postulam a existência destas demarcações simbólicas de delimitação do espaço como uma forma de comunidades interpessoalmente vulneráveis consolidarem mecanismos de proteção contra ameaças. As fronteiras que garantem a segurança são também as que conferem estrutura e pertença. São fronteiras que requerem um investimento pessoal do qual resultará uma reciprocidade na interação – “é o meu grupo” e “eu sou do grupo”. Por outro lado existe também uma simbologia associada (McMillan & Chavis, 1986). Desta forma, o *estatuto de membro* compõe-se de cinco atributos referentes à delimitação de fronteiras, ao

sentimento de pertença, à segurança emocional, ao investimento e ao sistema simbólico partilhado (McMillan & Chavis, 1986).

A *influência* reporta-se a um sentimento de importância mediante o qual os membros sentem que fazem a diferença no grupo, da mesma forma que o grupo a perfaz nos seus membros (McMillan & Chavis, 1986). É um conceito que abarca uma dimensão de mutualidade e que aponta para tendências gerais tais como as de que 1) os membros são mais atraídos por uma comunidade em que sintam que são influentes, 2) existe uma relação significativamente positiva entre coesão e influência que a comunidade tem na conformidade dos membros, sendo que quer conformidade quer influência da comunidade nos seus membros são indicadores da força do vínculo, 3) a pressão para a conformidade e uniformidade provêm das necessidades do indivíduo e da comunidade de validação da consensualidade (a conformidade serve como uma força para a proximidade, assim como um indicador de coesão), 4) A influência de um membro na comunidade e a influência da comunidade nos membros operam de forma concorrente (McMillan & Chavis, 1986).

O componente *integração e satisfação das necessidades* reporta-se à forma como os membros de dada comunidade conseguem nesta satisfazer as suas necessidades em função de comportamentos cooperativos, que acabam por reforçar os comportamentos comunitários. O presente componente é, pois, fulcral no desenvolvimento da coesão dentro de dada comunidade (McMillan & Chavis, 1986).

O componente *ligação emocional* refere-se, em parte, a uma história partilhada pela comunidade. Não existe obrigatoriedade relativamente à vivência pessoal desta história, contudo, para que se evidencie ligação emocional deve existir uma identificação com a narrativa comunitária subjacente (McMillan & Chavis, 1986; Chipuer & Pretty, 1999).

Com base nestes elementos poder-se-ia dizer que um membro de uma comunidade com um SPC elevado corresponderia a um indivíduo com um forte sentido de pertença, que crê exercer poder sobre o grupo e que, reciprocamente, é por este influenciado, que acredita que o grupo detém características que permitirão atender às suas próprias necessidades e, dado que partilha com este uma história, investiu fortemente, do ponto de vista emocional, na comunidade (Davidson & Cotter, 1991).

Postumamente, em 1996, McMillan foi convidado a redigir um artigo relativo à sua teoria do SPC, de forma a celebrar o décimo aniversário do artigo de McMillan & Chavis de 1986. Neste artigo o autor propôs que se mantivessem os quatro elementos, à semelhança do artigo original (sendo contudo designados de forma diferente), no entanto, sugeriu que fossem feitas ligeiras alterações à teoria (McMillan, 1996).

O elemento *Estatuto de membro* foi nomeado de *Espírito*. Apesar da manutenção das fronteiras enquanto traço distintivo (como forma de diferenciar os membros e não membros) e como forma de possibilitar a segurança emocional, o autor enfatizou o papel da amizade, que constituiria, segundo McMillan “o espírito do sentido de comunidade” (McMillan, 1996, p. 315). Enfatizou igualmente a presença de um ambiente propício à exposição pessoal, do qual decorreria um SPC elevado. O elemento *Influência* foi denominado de *Confiança*, e enfatizaram-se as normas e princípios do grupo enquanto forma de os membros do grupo regularem aquilo que esperam dos outros membros da comunidade. O autor salientou que indivíduos pertencentes a um dado grupo tornam-no mais coeso quando detêm este conhecimento prévio (relativo a normas regularizadoras), conhecimento este que influirá no comportamento do grupo (McMillan, 1996). O componente *Integração e Satisfação de Necessidades* foi denominado *Trocas*, dada a dimensão de transação subjacente à reciprocidade de interações estabelecidas dentro da comunidade. O autor sublinha que a pertença a dado grupo deve, de alguma forma, premiar ou reforçar os membros pela sua inclusão e imersão neste. É, pois, desenvolta uma economia de transação, em que o capital surge sob a forma de reforços, nomeadamente na satisfação que a pertença ao grupo pode vir a desencadear (McMillan, 1996). O componente *Ligação Emocional Partilhada* foi denominado por McMillan de *Arte*. A arte constitui a dimensão transcendental da comunidade, no que se refere ao conjunto de valores partilhados. O alicerce fundamental da arte refere-se, contudo, à experiência. Para que esta exista tem de existir contacto entre os membros, só assim se possibilitará o desenvolvimento do SPC (McMillan, 1996).

Em suma, o espírito, alicerçado numa autoridade de respeito, possibilita a existência de confiança que, por sua vez, facultará as bases para uma economia de troca social. Em conjunto estes elementos criam uma história da comunidade simbolizada na

arte (McMillan, 1996). As presentes alterações são especialmente importantes na medida em que estabelecem uma ordem específica na completude de sentimentos subjacentes aos elementos do SPC, para que este possa desenhar-se de forma positiva (Amaro, 2007).

1.2. Críticas ao Modelo de McMillan & Chavis (1986)

Surgiram, contudo, críticas ao modelo de McMillan & Chavis. Nowell e Boyd (2010; 2011) afirmaram-no assente sobre uma perspetiva limitada, baseada na teoria das necessidades humanas, sendo que a comunidade representava um mero recurso através do qual estas poderiam ser atendidas. Na perspetiva dos autores, deveria existir uma reformulação deste pilar base do modelo, parecendo-lhes mais adequado pensar o SPC alicerçando-se sobre valores, ao invés de necessidades. Assim, o sentimento de ligação à comunidade deveria funcionar como um sentido de responsabilidade, sendo que a comunidade existiria independentemente de qualquer expectativa de satisfação de necessidades, e, portanto, de devolução.

McMillan (2010) apresentou uma resposta a estes mesmos autores, afirmando que a ideia de responsabilidade seria implícita à totalidade dos conceitos reunidos no seu modelo. A título exemplificativo referenciou o elemento *estatuto de membro* adereçando-lhe a premissa base de fronteiras que este abarca, enfatizando a responsabilidade implícita pela manutenção das fronteiras da comunidade, assim como a responsabilidade implícita pela honestidade, pela abertura, e pela transparência.

A proposta de Nowell e Boyd (2010; 2011) apresenta, contudo, alguns pontos em comum com o modelo de McMillan e Chavis (1986), nomeadamente ao nível dos produtos finais, que corresponderiam a maior bem-estar e maior participação comunitária. Outros benefícios associados ao SPC serão seguidamente apresentados.

1.3. Fatores Influentes no SPC e Benefícios Associados

Além dos benefícios anteriormente explanados e que provêm maioritariamente das conclusões que, em 1974, Sarason havia já levantado enquanto resultantes do processo evolutivo da sociedade contemporânea e que apontavam o SPC como combativo de fenómenos como a anomia, a segregação e o isolamento (Sánchez-Vidal, 1991; Colombo, Mosso & Piccoli, 2001), outros autores procuraram, empiricamente,

validar os benefícios que um elevado SPC comporta. Davidson & Cotter (1991) encontraram uma relação significativa entre o SPC e o bem-estar subjetivo, enfatizando qualidades positivas inerentes ao mesmo e salientando a importância de intervenções comunitárias visando o aumento e reforço do SPC. Relativamente a influências no SPC, encontraram-se associações entre ter filhos, a participação em organizações comunitárias e um elevado SPC em zonas urbanas (Prezza & Constantini, 1998). Verificou-se também, que o SPC parecia aumentar com a idade e tempo de permanência na comunidade (Prezza & Constantini, 1998). Verificou-se igualmente, num estudo elaborado por Obst e White (2007), uma correlação positiva entre o SPC e a escolha de pertença a dada comunidade, sendo que seriam sempre cotadas de forma mais positiva as comunidades às quais os indivíduos volitivamente escolhem pertencer. Foi também, num estudo de Brodsky, Campo e Aronson (1999) realizado em comunidades com poucos recursos, encontrada uma correlação positiva entre o SPC e o número de eleitores registados. Chavis e Wandersman (1990) verificaram também que o SPC tem um efeito catalisador na ação local, estando com esta positivamente correlacionado. Também Nisbet (1953, cit. por Sánchez-Vidal 1991) enfatizou a importância da comunidade enquanto regresso à homeostasia apenas possibilitada por formas de agregação social mais humanas, detentoras de maior significado social e com maior potencial estabilizador do ponto de vista social.

1.4. Comunidade – Geografia ou Relação?

O termo comunidade é central e fulcral para a Psicologia Comunitária. Implica, contudo, um uso e definição suficientemente sólida e cuidada, dada a diversidade de contextos que tendem a ser, de forma indefinida, apelidados em conformidade (Sánchez-Vidal, 1991). O sociólogo Ferdinand Tönnies (1947) apresentou uma primeira distinção tipológica entre associação e comunidade que foi, postumamente, alargada por Munné (1971) e que enfatizava a diferença existente entre uma agregação de carácter associativo e uma agregação comunitária. O autor enfatizou a natureza emocional, afetiva e espontânea da última em detrimento de uma comunhão em função da utilidade e contratualidade macrosocial que a primeira oferece. Obst e White (2007) definiram, mais recentemente, a comunidade como um conjunto de pessoas que têm algum interesse comum, que pode variar grandemente conforme a situação. Pode referir-se ao

facto de viverem num local específico, como pode reportar-se ao facto de partilharem algum tipo de interesse ou crença.

Bernard (1973, cit. por Sánchez-Vidal, 1991) traçou, contudo, uma importante distinção entre *comunidade* (num sentido mais amplo, macrosocial) e *a comunidade*, sendo que a última revolveria em torno de aspetos reservados à territorialidade e residência geográfica, enquanto a primeira reuniria em si aspetos como os de interação social e laços partilhados. Gusfield, em 1975 (cit. por Obst et al., 2002b) definiu esta diferenciação em termos de *comunidades geográficas* e *comunidades relacionais*. Assim, os membros de comunidades geográficas partilhariam um território ou localidade comum, enquanto indivíduos pertencentes a comunidades relacionais unir-se-iam em função de aspetos como interesses comuns, profissão ou religião (Amaro, 2007). É de destacar, contudo, que comunidades geográficas e comunidades relacionais apresentam grandes similaridades, dado que ambas partilham características comuns ao nível de elementos que as compõem, por exemplo nas “pessoas, instituições, recursos e meios para a sua divulgação e histórias distintas” (Amaro, 2007, p. 29).

É importante, contudo, salientar, dada a confluência e existência de literatura circunscrita a conceitos como o de vizinhança², que esta não pode constituir por si só uma comunidade. Para tal seria requerido outro tipo de interações e laços sociais ou culturais (Sánchez-Vidal, 1991). A vizinhança refere-se habitualmente a um contexto residencial, de coabitação, que não comporta relações que se possam considerar de tipo interativo mediante a partilha deste mesmo espaço de habitação, geograficamente circunscrito (Montero, 2004). O conceito de vizinhança pode ou não relacionar-se com o conceito de comunidade mediante a existência ou não de um SPC, o que significa que a partilha de um espaço não constitui critério para a existência de uma comunidade (Amaro, 2007).

Convém, no entanto, salientar que, quer a comunidade seja relacional, ou geográfica, em ambos os casos se pode aplicar a existência de SPC (Burroughs & Ebby, 1998; Yin, 2010; Obst, Zinkiewicz & Smith, 2002; Pretty & McCarthy, 1991; Wombacher, Tagg, Bürgi & MacBryde, 2010).

² Do Inglês *Neighbourhood*.

1.5. Realojamento

Apesar da impossibilidade no encontro de uma definição específica para o termo *realojar*, este abarca já uma ampla história no universo português (Freitas, 1995). O termo *realojar* significa habitualmente *alojar de novo*, e o seu uso costuma circunscrever-se a situações em que existem populações que “carecem de condições habitacionais mínimas, (...) famílias vitimadas por catástrofes, (...) famílias residentes em áreas a desafetar em sequência de obras públicas ou [em] programas de eliminação sistemática de barracas (...) e de ilhas” (Freitas, 1995, p.3). Aqueles que não partilham na totalidade o direito à habitação e urbanismo, de acordo com o estipulado constitucionalmente (Constituição da República Portuguesa, art. 65^{o3}), designam-se habitualmente *mal alojados*. Estas tendem a constituir-se enquanto populações detentoras de parca escolaridade, baixos rendimentos e condições habitacionais reduzidas (Freitas, 1995). Como forma de atender às necessidades habitacionais destas populações, têm vindo a desenvolver-se ações de realojamento na maioria dos municípios da Grande Lisboa e Porto, que datam de 1993, altura em que foi feito o anúncio público do Plano Especial de Realojamento (PER)⁴ das Áreas Metropolitanas de Lisboa e Porto (Freitas, 1995).

As ações de realojamento até aqui desenvolvidas comportam, contudo, um conjunto de vicissitudes que se estendem dos aspetos mais formais, às filosofias subjacentes e que são meritórias de alguma atenção (Freitas, 1995). No que concerne aos aspetos formais, estes reúnem um conjunto forte de críticas, dada a sua inequívoca visibilidade. Estas referem-se principalmente aos *modelos urbanísticos de habitação* até aqui desenvolvidos, tendo sido apontado por Ferreira (1994, cit. por Freitas, 1995) a desvalorização dos materiais utilizados, a uniformidade arquitetónica, a inexistência ou precariedade de espaços exteriores, a localização periférica da construção, a escassez de transportes que permitam o acesso ao bairro, a ocupação dos espaços anterior à conclusão dos mesmos, como principais fatores intervenientes na dificuldade que o

³ Este estipula que “todos têm direito, para si e para a sua família, a uma habitação de dimensão adequada, em condições de higiene e conforto e que preserve a intimidade pessoal e a privacidade familiar” (Constituição da República Portuguesa, art. 65^o)

⁴ “Integrado no Plano Nacional de Luta contra a Pobreza e em conformidade com o Decreto-Lei 163/93 de 7 de Maio, elegeu a *erradicação das barracas* enquanto instrumento de uma *determinação profunda para a extinção de situações sociais de degradação habitacional* (Freitas, p. 12, 1995).

processo de identificação e apropriação dos espaços acarreta para os seus habitantes. Deve, sobretudo, salientar-se que estes aspetos se constituem enquanto aditivos de um processo que, como proposto por variados autores (Hawkins & Maurer, 2011; Jourdan & Feinberg, 2010; Lucio & Barrett, 2010) se adivinha transitório e de mudança, dado que comporta, inevitavelmente, uma interrupção de um vínculo ao anterior meio sócio-físico, o que, por si só, requer já uma mobilização de esforços no sentido da adaptação.

Um outro aspeto a salientar reporta-se à manutenção de agrupamentos habitacionais de famílias pobres e à conducente dificuldade de integração das mesmas, manifestado na natureza estigmatizante das construções que, do ponto de vista morfológico encerram uma diferenciação clara, visível no aspeto padronizado e socialmente desvalorizado (Freitas, 1995; Augusto, 1998). A qualidade dos materiais utilizados na construção, assim como a própria qualidade do alojamento, associados à localização (tendencialmente periférica e isolada da rede urbana envolvente), constituem-se enquanto fatores contributivos para a manutenção da segregação (Freitas, 1995; Lucio & Barrett, 2010).

Por outro lado, em estudos anteriores realizados com populações realojadas, é frequentemente referido que a alteração para a nova residência, e, portanto, o próprio processo de realojamento, não constitui uma escolha ou uma opção que tenha sido controlada pelos próprios, ou um processo no qual tenham sido envolvidos, assim como é frequentemente referido um baixo sentimento de pertença ao novo bairro a que pertencem (Obst & White, 2007).

É igualmente importante salientar a forma como indivíduos, processos psicológicos e ambiente físico fazem parte de um contínuo indissociável (Guerra, 1997). Quer isto dizer que existem aspetos do espaço habitado que se desenham para além de um espaço partilhado – as pessoas tornam-se parte da sua vizinhança, assim como a vizinhança se torna parte das pessoas, ao invés de os indivíduos se constituírem como meros residentes, ausentes de relação com o espaço habitado. O lugar constitui-se, pois, como uma importante parte do processo identitário (Speller & Twigger-Ross, 2009). Segundo Williams e Stewart (1998, p. 19), a vinculação ao lugar constitui-se como *o conjunto de significados, crenças, símbolos, valores e sentimentos que indivíduos e*

grupos associam a uma localidade particular. De acordo com os autores, este vínculo ao lugar estabelece-se a dois níveis, a um nível mais funcional e a um outro, mais emocional. O primeiro refere-se à funcionalidade ou capacidade dos recursos corresponderem às necessidades ou objetivos do indivíduo (Williams & Roggenbuck, 1989). A vinculação funcional ao lugar é influenciada por dois fatores: (1) quão bem o lugar satisfaz as necessidades do utilizador e (2) como é o lugar comparado com outros lugares disponíveis (Shumaker & Taylor, 1983 cit. por Payton et al., 2005). A vinculação emocional ao lugar refere-se, por seu lado, aos aspectos emocionais da relação pessoa-lugar e reflete-se na forma como o lugar contribui para a identidade individual (Williams & Roggenbuck, 1989). Esta conceptualização da vinculação ao lugar enfatiza que o lugar não promove apenas a oportunidade para suprir necessidades, mas também que é parte da identidade da pessoa, criando-se assim fortes laços emocionais e simbólicos entre a pessoa e lugares particulares (Giuliani & Feldman, 1993).

As atividades quotidianas criam, também, as condições através das quais as pessoas desenvolvem relações com outros indivíduos ou grupos e com elementos do ambiente nos quais se formalizam ligações emocionais a lugar. O lugar refere-se, assim, à localização ou espaço que adquiriu um significado especial através de processos pessoais, grupais ou culturais (Low & Altman, 1992). O lugar é o contexto no qual estas interações decorrem e que, normalmente, dá significado às relações (Low & Altman, 1992) e que as contextualiza num ambiente específico.

Tendencialmente, os locais aos quais as pessoas se vinculam são aqueles em que existem maiores níveis de experiência, resultando, habitualmente, de um longo período de habitação na mesma localidade (Hay, 1998; McAndrew, 1998). Como resultado de uma emersão a longo prazo nesse lugar, a aceitação dos seus valores, crenças e cultura ajuda a converter o pensamento na aceitação de normas do grupo e vinculação à localização geográfica em que o grupo reside. Gustafson (2001) refere-se a este fenómeno como um *contínuo* e argumenta que o significado de um lugar, e o consequente vínculo ao mesmo, envolve a dimensão temporal *onde os lugares se tornam conectados com o percurso da vida dos indivíduos através da origem e período*

de residência nesse lugar, eventos importantes ou estádios da vida, ou visitas frequentes. A vinculação ao lugar parece assim, aumentar consoante a idade e o tempo de permanência no mesmo, não sendo, no entanto, uma mera função de tempo: aumenta através de uma interação social positiva e da compatibilidade da comunidade com os objetivos de vida dos residentes (Guifford, 2007).

O processo de realojamento desenha-se, pois, de forma inequívoca como um fenómeno que interferirá com os vínculos estabelecidos, dado que pressupõe alterações múltiplas na vivência quotidiana dos indivíduos, funcionando como uma reestruturação da vida destes a diversos níveis – vizinhança, locais de compras, de lazer, de desporto, rede de transportes, trajetos, entre outros (Perista & Cardoso, 1994).

O conjunto de aspetos acima enunciados contribuirão para a forma como o indivíduo representa o espaço onde reside. As representações que os indivíduos farão do espaço dependerão em grande parte da forma como o apropriam, sendo que a apropriação varia consoante a avaliação que fazem do mesmo. Se a avaliação que faz do espaço não for positiva, tendencialmente, a forma como investe neste será diferente daquela criada numa situação de avaliação positiva, o que conduz a um refúgio no espaço habitacional e nas relações familiares (Prezza & Constantini, 1998), e a um desinvestimento na vida comunitária.

Capítulo II – Metodologia

2.1. Objetivos do Estudo

O presente estudo pretende, enquanto objetivo central, aferir se as variáveis *Sentido Psicológico de Comunidade* e *Importância da Comunidade* variam significativamente numa comunidade em que coabitam dois tipos distintos de populações – uma população realojada e uma população não realojada, no presente estudo designada população de venda livre. O bairro escolhido para esse efeito foi a Alta de Lisboa, zona que esteve inscrita num conjunto de programas de realojamento (PER), e que comporta particularidades urbanísticas singulares, que se expressam através de grande heterogeneidade social e morfológica. Neste bairro existe ainda a particularidade de coexistência de habitação reservada a realojamento e de fogos que podem ser adquiridos de forma autónoma e independente do PER.

Intentando atender ao objetivo geral, foram estabelecidos objetivos específicos e que pretendem: 1) Averiguar se existem diferenças significativas relativas à *Perceção do Sentido Psicológico de Comunidade* entre a população realojada na Alta de Lisboa, a população não-realojada na Alta de Lisboa e a população normativa; 2) Comparar a *Importância da Comunidade* na população realojada da Alta de Lisboa, na população não realojada da Alta de Lisboa e na população normativa; 3) Verificar se existe relação entre o *Sentido Psicológico de Comunidade*, a *Importância da Comunidade* e *Variáveis Sociodemográficas*.

2.1.1. Questões de Investigação

No seguimento dos objetivos do estudo levantou-se uma questão inicial e que se construiu da seguinte forma – Qual a influência que um programa urbanístico, que agrega no mesmo local físico população realojada e não realojada, tem na perceção do *Sentido Psicológico de Comunidade* e na *Importância da Comunidade*?

De forma a atender a esta questão é necessário responder às seguintes questões de investigação:

Questão de Investigação 1: Existirá uma diferença significativa no *Sentido Psicológico de Comunidade*, entre a amostra de realojamento, a amostra de venda livre e a amostra normativa, do bairro da Alta de Lisboa?

Questão de Investigação 2: Existirão diferenças significativas nas dimensões subjacentes ao *Sentido Psicológico de Comunidade*, entre a amostra realojada do bairro da Alta de Lisboa, a amostra de venda livre do bairro da Alta de Lisboa e a amostra normativa?

Questão de Investigação 3: Será que existe uma diferença significativa na *Importância da Comunidade*, entre a amostra realojada do bairro da Alta de Lisboa, a amostra de venda livre do bairro da Alta de Lisboa e a amostra normativa?

Questão de Investigação 4: Será que existe alguma relação significativa entre o *Sentido Psicológico de Comunidade* e a *Importância da Comunidade*?

Questão de Investigação 5: Será que existe alguma relação entre o *Sentido Psicológico de Comunidade*, e as variáveis sociodemográficas *Escolaridade*, *Número de filhos*, *Grupo profissional*, *Tempo de residência* e *Número de atividades*?

Questão de Investigação 6: Existirão diferenças significativas nas variáveis sociodemográficas entre a amostra de realojamento do bairro da Alta de Lisboa, a amostra de venda livre do bairro da Alta de Lisboa e a amostra normativa?

2.2. Seleção da Amostra

Intentando verificar se existem diferenças significativas nas variáveis *Sentido Psicológico de Comunidade* e *Importância da Comunidade* na Alta de Lisboa, procedeu-se à aplicação da *Escala Breve de Sentido de Comunidade* (Peterson e cols., 2008) e da *Escala de Importância de Comunidade* (Moreira & Lind, no prelo) a três grupos distintos de população – um grupo de controlo da população normal, a um grupo de indivíduos que habitam em residências adquiridas de forma independente do PER, residentes no bairro da Alta de Lisboa e a um grupo de indivíduos que tivessem preconizado a situação de realojamento, mediante o conjunto de PER's circunscritos à área geográfica atualmente designada de Alta de Lisboa. As escalas utilizadas requeriam

que o respondente tivesse idade superior a 18 anos, dado que as mesmas parecem ser mais adequadas à avaliação de adultos. Os participantes tiveram igualmente de preencher um Termo de Consentimento Informado (ver Anexo I), um questionário sociodemográfico (ver Anexo II) e um conjunto de escalas (ver Anexos III e IV). As amostras recolhidas foram, todas elas, amostras de conveniência.

2.2.1. Amostra Normativa

As aplicações das escalas à amostra normativa foram efetuadas durante Dezembro de 2009 e Janeiro de 2010, tendo a recolha de dados sido feita por três mestrandas, que utilizaram esses mesmos dados para as suas investigações de mestrado (ver Carapinha, 2010; Colaço, 2010; Glória, 2010).

2.2.2. Caracterização da Amostra Normativa

A amostra normativa é composta por 42 indivíduos de sexo feminino (57,5%) e 31 indivíduos de sexo masculino (42,5%), perfazendo um total de 73 indivíduos, com idades compreendidas entre os 23 e os 62 anos ($M=38,21$; $DP=11,243$). A maior parte dos indivíduos têm nacionalidade portuguesa (98,6%), existindo um indivíduo que apresenta nacionalidade diferente desta (1,4%). No que se reporta ao estado civil, a grande maioria dos inquiridos é casado (42,5%) ou solteiro (39,7%), existindo também, embora menor, representatividade de indivíduos que vivem em união de facto (9,6%), de indivíduos divorciados (5,5%) e de indivíduos viúvos (2,7%). Quanto aos agregados familiares, estes variam entre 1 a 5 elementos, ($M=3,07$; $DP=1,262$), sendo o número médio de filhos 1 (mínimo=0; máximo=5).

Quanto à escolaridade, cerca de metade da amostra concluiu o ensino superior (49,3%), sendo a segunda percentagem mais elevada relativa a indivíduos que concluíram o ensino secundário ou equivalente (19,2%), 12,3% da amostra concluiu o 9ºano ou equivalente, existindo igual percentagem (12,3%) de indivíduos que concluíram o mestrado ou o doutoramento. Na presente amostra 6,8% dos indivíduos têm níveis educacionais inferiores ao 9ºano.

Relativamente ao estado da atividade, a distribuição da população desenha-se com a maior parte da amostra sendo ativa ou reformada (84,9%; N=62), correspondendo a segunda maior percentagem aos indivíduos estudantes (12,3%; N=9), existindo ainda 2,7% (N=2) da população desempregada. O tipo de profissão e grupo a que pertencem distribuem-se com maiores percentagens nos Grupos 2 (Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas), 1 (Quadros Superiores de Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresas) e 3 (Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio), que representam 69,4% da amostra (N = 43).

Na presente amostra, dos 32,9% que sempre viveram no atual bairro, o tempo médio de residência é de aproximadamente 18 anos (DP=14,8). Os restantes 67,1% não viveram sempre no mesmo bairro. Mais de metade da amostra (58,9%) não participa em atividades no bairro onde reside, existindo 20 indivíduos (27,4%) que estão diretamente envolvidos numa atividade no seu bairro. Os restantes indivíduos participam em duas atividades (8,2%), três atividades (2,7%) ou seis atividades (2,7%) no bairro onde atualmente residem.

2.2.3. Amostra Alta de Lisboa

A presente amostra refere-se aos moradores da Alta de Lisboa. A escolha pela população deste bairro reporta-se às particularidades urbanísticas acima enunciadas, sendo que a recolha da amostra pretendeu incluir população pertencente aos fogos reservados a realojamento assim como a população residente nos condomínios privados (venda livre).

Os critérios de aplicação além da idade superior a 18 anos, à semelhança da amostra normativa, prendem-se com o facto de os indivíduos habitarem na Alta de Lisboa. Existem, pois, dentro da Alta de Lisboa duas subamostras: uma amostra de população realojada e uma amostra de população não-realojada (venda livre).

2.2.3.1. Amostra Realojamento

A amostra da população realojada é constituída por indivíduos a viverem atualmente nas habitações atribuídas através de um conjunto de Planos Especiais de Realojamento circunscritos à zona da Alta de Lisboa.

A recolha da amostra de população realojada, mediante as características acima enunciadas, foi feita por Carapinha (2010) tendo sido utilizada na sua Tese de Mestrado Integrado em Psicologia do Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica. A amostra foi recolhida durante os meses de Março e Abril de 2010 com a ajuda de colaboradores do projeto K'CIDADE, tendo sido as escalas e restante material aplicado na rua, em cafés, lojas, associações, espaços públicos e no decurso de atividades realizadas pelo projeto K'CIDADE.

2.2.3.2. Caracterização da Amostra de Realojamento

A amostra de população realojada é composta por um total de 58 indivíduos, sendo 33 indivíduos de sexo feminino (56,9%) e 25 indivíduos de sexo masculino (43,1%) com idades compreendidas entre os 23 e os 66 anos ($M=37,69$; $DP=11,650$). A maior parte destes indivíduos têm nacionalidade portuguesa (89,7%), existindo também indivíduos de nacionalidade cabo-verdiana (5,2%), indivíduos angolanos (3,4%) e indivíduos de nacionalidade são-tomense (1,7%). No que se reporta ao estado civil, cerca de metade da amostra é solteira (53,4%), sendo a segunda maior percentagem referente a indivíduos casados (20,7%), a terceira percentagem mais elevada referente a indivíduos que vivem em união de facto (13,8%), existindo igual percentagem de indivíduos separados (5,2%) e viúvos (5,2%), sendo a percentagem mais reduzida referente a indivíduos divorciados (1,7%). A média de filhos da amostra de realojamento é de aproximadamente 2 (mínimo=0; máximo=6). Quanto ao agregado familiar, este apresenta uma variabilidade de 1 a 9 pessoas por residência, sendo a média de 4,52 pessoas por residência ($DP= 1,709$).

No que respeita à escolaridade, verifica-se que mais de metade da amostra não concluiu o ensino obrigatório, sendo que 77,6% da amostra tem escolaridade inferior ao 9ºano. Há ainda uma fatia de 13,8% da amostra que corresponde a indivíduos que concluíram o 9º ano ou equivalente, assim como uma percentagem de 6,9% que

concluiu o ensino secundário ou equivalente. A percentagem mais reduzida refere-se a indivíduos que concluíram o ensino superior, representando 1,7% da amostra.

Quanto às profissões desempenhadas pelos inquiridos e o grupo onde se enquadram⁵, verifica-se prevalência de indivíduos que pertencem ao Grupo 5 (Pessoal dos Serviços e Vendedores), representando 12,1% da amostra, e de indivíduos pertencentes ao Grupo 9 (Trabalhadores Não Qualificados), que representam 10,3% da amostra, como se pode verificar no quadro 2.2.3.2.

Quadro 2.2.3.2. Grupos Profissionais da Amostra de Realojamento

Grupos	Frequência	Percentagem
Grupo 1 – Quadros Superiores de Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresas	0	0%
Grupo 2 – Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas	1	1,7%
Grupo 3 – Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio	4	6,9%
Grupo 4 – Pessoal Administrativo e Similares	1	1,7%
Grupo 5 – Pessoal dos Serviços e Vendedores	7	12,1%
Grupo 6 – Agricultores e Trabalhadores Qualificados na Agricultura e Pescas	0	0%
Grupo 7 – Operários, Artífices e Trabalhadores Similares	3	5,2%
Grupo 8 – Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores de Montagem	4	6,9%
Grupo 9 – Trabalhadores Não Qualificados	6	10,3%
Total	26	44,8%

⁵ Classificação atribuída em conformidade com o estipulado pelo Instituto do Emprego e Formação profissional, i.e., de acordo com a Classificação Nacional de Profissões, consultada a 18 de Agosto de 2012 em www.iefp.pt/formação/CNP/Paginas/CNP.aspx.

No que se reporta ao estado de atividade, verifica-se maior percentagem de indivíduos ativos ou reformados (45,6%), existindo uma percentagem aproximada à acima citada referente a indivíduos desempregados (38,6%). Existe igualmente representatividade, embora inferior, de elementos do sexo feminino que desempenham a função de domésticas (15,8%).

Cerca de metade da população participa em atividades no bairro onde reside (51,7%), existindo um número aproximado de inquiridos que não o faz (46,6%). A média do número de atividades em que os inquiridos participam no bairro é de aproximadamente 1 ($M=0.93$; $DP=1,208$). Da presente amostra 53,4% não residiu sempre no atual bairro, sendo que 46,6% percebeu ter sempre vivido no mesmo.

2.2.3.3. Amostra Venda Livre

A amostra de venda livre refere-se aos moradores da Alta de Lisboa, mas cuja aquisição de habitação foi feita de forma independente do PER. A recolha da mesma foi feita por Glória (2010) junto do espaço habitacional desses mesmos residentes, tendo o procedimento sido equivalente ao das amostras normativa e de realojamento.

2.2.3.4. Caracterização da Amostra de Venda Livre

A amostra de venda livre é composta por 50 indivíduos, dos quais 27 indivíduos são de sexo feminino (54%) e 23 indivíduos de sexo masculino (46%), com idades compreendidas entre os 23 e os 66 anos de idade ($M=38,04$; $DP=11,071$). A grande parte dos inquiridos apresenta nacionalidade portuguesa (96%), existindo dois indivíduos com nacionalidade diferente desta (4%).

Relativamente ao estado civil, mais de metade da amostra é casada (62%), sendo a segunda maior percentagem referente a indivíduos solteiros (22%), à qual se segue a fatia de indivíduos que vivem em união de facto (12%). Existe ainda, e em igual percentagem, representatividade de indivíduos divorciados (2%) e viúvos (2%), apesar de serem em dimensão consideravelmente inferior às restantes. Os agregados familiares da presente amostra apresentam uma média de aproximadamente 3 pessoas por

residência (mínimo: 1 pessoa; máximo: 5 pessoas), sendo o número médio de filhos de 0,94, ou seja, de aproximadamente 1 filho.

Quanto às profissões desempenhadas, verifica-se primazia das profissões pertencentes aos Grupos 1⁶ (Quadros Superiores de Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresas), Grupo 2 (Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas) e Grupo 3 (Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio), que agrupam 78% da amostra, como pode verificar-se no quadro seguinte.

Quadro 2.2.3.3. Grupos Profissionais da Amostra de Venda Livre

Grupos	Frequência	Porcentagem
Grupo 1 – Quadros Superiores de Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresas	12	24%
Grupo 2 – Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas	17	34%
Grupo 3 – Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio	10	20%
Grupo 4 – Pessoal Administrativo e Similares	3	6%
Grupo 5 – Pessoal dos Serviços e Vendedores	3	6%
Grupo 6 – Agricultores e Trabalhadores Qualificados na Agricultura e Pescas	1	2%
Grupo 7 – Operários, Artífices e Trabalhadores Similares	0	0%
Grupo 8 – Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores de Montagem	0	0%
Grupo 9 – Trabalhadores Não Qualificados	0	0%
Total	46	92%

⁶ Classificação atribuída em conformidade com a designada pelo Instituto do Emprego e Formação profissional, i.e., de acordo com a Classificação Nacional de Profissões, consultada a 18 de Agosto de 2012 em www.iefp.pt/formação/CNP/Paginas/CNP.aspx.

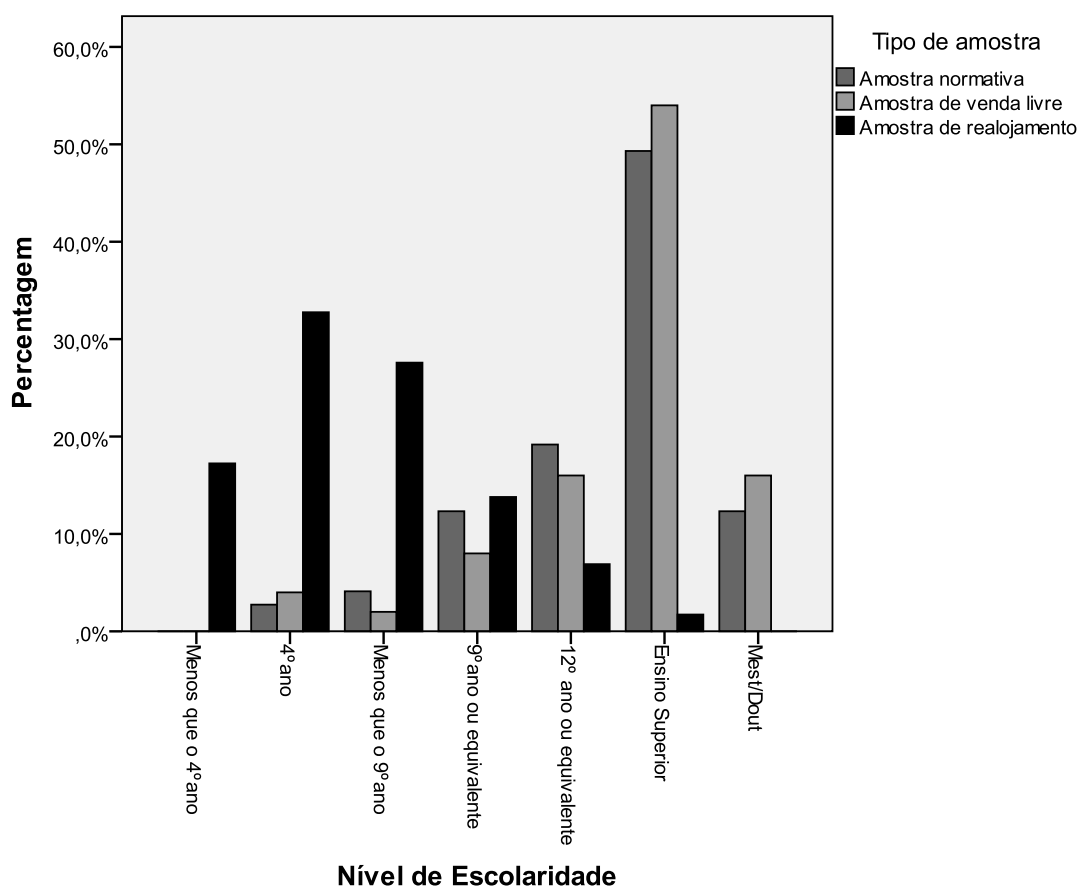
No que comporta à escolaridade, mais de metade da amostra concluiu o ensino superior (54%), existindo percentagens equivalentes de indivíduos que concluíram o ensino secundário (16%) e o mestrado ou doutoramento (16%), constituindo-se estes como os segundos valores mais elevados na presente amostra. Existe ainda uma parte de indivíduos que concluiu o 9ºano ou equivalente (8%), sendo que 6% da amostra tem escolaridade inferior ao 9ºano. No que se reporta ao estado de atividade, 44 indivíduos estão ativos ou reformados (88%), existindo 4 indivíduos reformados (8%) e 2 indivíduos estudantes (4%).

A totalidade da amostra afirma não ter sempre residido no atual bairro, sendo que o tempo médio de residência neste é de aproximadamente 3 anos (mínimo: 0; máximo: 6). Mais de metade da amostra (70%) afirma não realizar atividades no bairro atual, e dos 30% de inquiridos que as realiza, o número médio de atividades é de aproximadamente uma.

2.3. Descrição Comparativa das Amostras

As três amostras recolhidas para o presente estudo apresentam dimensões semelhantes, tendo sido mantido o ratio na dimensão dos grupos inferior a 1,5 de forma a assegurar o cumprimento dos pressupostos requeridos para a análise estatística a realizar, à semelhança do proposto por Pestana e Gageiro (2005). Assim, os grupos possuem proporções semelhantes de idade e sexo, no entanto, algumas variáveis sociodemográficas apresentam características algo discrepantes entre os grupos escolhidos.

Como se pode observar no Gráfico 2.3. a variável escolaridade apresenta percentagens distintas entre amostras. Na população realojada verifica-se que mais de três quartos da amostra não concluiu o ensino obrigatório, existindo 77,6% da amostra nestas condições; o que não se verifica na amostra normativa ou na amostra de venda livre, onde, correspondentemente, essa população representa 9,5% e 6% da amostra. Assim, no caso da amostra normativa e da amostra de venda livre o nível de instrução é superior ao da amostra realojada, sendo, contudo, na amostra de venda livre que os níveis mais altos de instrução se verificam:

Gráfico 2.3. Nível de Escolaridade dos Inquiridos por Amostra

A variável número de filhos apresenta também distribuições distintas nas três populações, apresentando a amostra de população realojada a maior amplitude de valores e a amostra de população de venda livre a menor. A amostra de população realojada apresenta, ainda, a média mais elevada das três amostras (ver Anexo V). O mesmo acontece com o número de pessoas por agregado familiar, tendo a amostra de realojamento um número superior de habitantes por residência, relativamente à amostra de população normal e à amostra de população de venda livre, apresentando, esta última, valores inferiores da variável em causa, relativamente aqueles da amostra de população normativa (ver Anexo VI).

Também a variável Grupo Profissional de pertença apresenta distribuições distintas entre populações, sendo que se verificam percentagens mais elevadas de indivíduos a desempenhar profissões de menor qualificação na amostra de realojamento,

relativamente às duas restantes amostras. Verificam-se igualmente maiores percentagens de indivíduos desempregados na amostra de realojamento em relação à amostra de venda livre e à amostra normativa (ver anexo VII).

2.4. Instrumentos

2.4.1. Escala Breve de Sentido de Comunidade (EBSC)

Para se medir a perceção de *Sentido Psicológico de Comunidade* nas três amostras do presente estudo foi utilizada a *Escala Breve de Sentido de Comunidade* (EBSC), uma adaptação da *Brief Sense of Community Scale (BSCS)* de Peterson e cols. (2008) (ver Quadro 2.4.1.) para a população portuguesa, feita por Marante (2010).

Quadro 2.4.1. Escala Breve de Sentido de Comunidade

Conceito teórico	Item	Escala Breve de Sentido de Comunidade
Satisfação de Necessidades	EBSC1	Eu consigo obter o que necessito desta comunidade
	EBSC2	Esta comunidade ajuda-me a satisfazer as minhas necessidades
Pertença	EBSC3	Sinto-me como um membro desta comunidade
	EBSC4	Eu pertenço a esta comunidade
Influência	EBSC5	Eu tenho uma palavra a dizer sobre o que se passa na minha comunidade
	EBSC6	As pessoas desta comunidade conseguem influenciar-se umas às outras
Ligações emocionais partilhadas	EBSC7	Eu sinto-me ligado(a) a esta comunidade
	EBSC8	Eu tenho bons laços com os outros nesta comunidade

A escala original pretende avaliar as dimensões de *Satisfação de Necessidades*, *Influência*, *Estatuto de Membro* e *Ligações Emocionais Partilhadas* teorizadas no modelo de McMillan e Chavis (1986). A EBSC é composta por oito itens, que agregam as quatro dimensões verificadas por Peterson e colegas (2008). A redação dos itens foi feita de forma positiva, à semelhança da proposta antecipada por Peterson, Speer e Hughey (2006, citados por Peterson e col., 2008), sendo a resposta dada numa escala de

likert de 5 pontos, em que 1 significa *discordo fortemente* e 5 significa *concordo fortemente*. Neste sentido, valores mais elevados na escala correspondem a um SPC mais forte.

2.4.2. Escala de Importância de Comunidade (EIC)

A *Escala de Importância de Comunidade* foi desenvolvida por João Moreira e Wolfgang Lind (no prelo) a partir de uma discussão relativa aos espaços residenciais que cumprem uma função de dormitório, em detrimento de uma outras funções sociais ou comunitárias, que são desempenhados fora deste espaço. Neste sentido, áreas de residência que cumprem esta função parecem deter uma importância parca no que concerne à forma como reforçam e motivam o sentido de comunidade, dado que as dimensões de relação comunitária não podem encontrar-se neste espaço, mas antes fora dele. Salienta-se, assim, a relatividade da importância atribuída a dada comunidade e instiga-se a sensibilidade relativa à análise que é feita do sentido de comunidade.

Trata-se de uma escala composta por dois itens (ver Quadro 2.4.2.), apresentados numa escala de *lickert* de 5 pontos onde 1 se refere a *nada importante* e 5 significa *extremamente importante*.

Quadro 2.4.2. Escala de Importância de Comunidade

Conceito	Item	Escala de Importância de Comunidade (EIC)
Importância da Pertença	EIC1	Até que ponto a pertença à sua área de residência é importante na sua identidade pessoal?
Importância do Contacto Social	EIC2	Até que ponto as pessoas que conhece na sua área de residência constituem uma parte importante da sua vida social?

Visando a análise de dados, foi feito um emparelhamento das amostras mediante as variáveis sexo e idade, tendo sido mantido o *ratio* na dimensão dos grupos inferior a 1,5 de forma a assegurar o cumprimento dos pressupostos requeridos para a análise estatística a realizar, à semelhança do proposto por Pestana e Gageiro (2005). Os dados

recolhidos foram analisados utilizando o SPSS (*Statistical Packages for the Social Sciences*) versão 19.0 para Windows.

III. Resultados

Intentando averiguar a fiabilidade e precisão dos instrumentos utilizados no presente estudo, designadamente a *Escala Breve de Sentido de Comunidade* e a *Escala de Importância de Comunidade*, procedeu-se, primeiramente, à verificação dos aspetos que se referem à consistência interna dos instrumentos.

3. Escala Breve de Sentido de Comunidade (EBSC)

3.1. Consistência Interna EBSC

Dado que um dos coeficientes que parece deter francas propriedades na avaliação da consistência interna de um instrumento se refere ao coeficiente *Alfa de Cronbach* (Pestana & Gageiro, 2005; Maroco & Bispo, 2003), a análise de precisão dos instrumentos utilizados foi feita com recurso a esse mesmo critério. Neste sentido e revendo os valores apresentados nas validações à população americana e portuguesa da escala verificamos que ambas apresentam valores globais altos para o mesmo instrumento. Correspondentemente, a escala original de sentido de comunidade, designadamente a *Brief Sense of Community Scale*, referente à população americana e validada por Peterson, Speer e McMillan (2008) apresenta valores de *Alfa de Cronbach* de .92 (M=53.81, DP=5.79). Na validação feita para a população portuguesa por Marante (2010) a autora encontrou também valores globais que revelam bons índices de consistência interna ($\alpha=.82$). No que se reporta ao presente estudo, os valores encontrados são todos superiores a .7, o que de acordo com Maroco (2003) indicia que a escala é detentora de boa consistência interna, parecendo adequar-se à medição pretendida, como pode verificar-se no Quadro 3.1.1.

Quadro 3.1.1. *Alphas de Cronbach, Médias, Máximos e Mínimos da EBSC*

Amostra	<i>Alfa de Cronbach</i>	N	Média	Mínimo	Máximo
Amostra Normativa	.779	73	2,86	2,45	2,99
Amostra Realojamento	.768	58	2.83	2.31	3,12
Amostra Venda Livre	.775	50	2.54	2.42	2.94

3.2. Análise Fatorial Exploratória

3.2.2. Método de Análise dos Componentes Principais

Pretendeu, igualmente, aferir-se quais os fatores estruturantes e subjacentes ao SPC medidos pela EBSC. Para tal levou-se a cabo uma análise fatorial exploratória dos oito itens que compõem a EBSC, segundo o método de extração dos componentes principais. Foi obtido um bom nível no teste de *Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling* (0.745), sendo o teste de esfericidade de Bartlett significativo ($p = 0.000$).

3.2.3. Extração de Fatores

No que se reporta à extração de fatores, e de acordo com o critério de Kaiser, podem observar-se dois valores próprios superiores a 1, o que nos remete para a retenção de dois fatores (Quadro 3.2.1), à semelhança do que havia já sido encontrado por Marante (2010) na adaptação da *EBSC* feita à população portuguesa. Também o *scree plot* é congruente com esta retenção (ver Anexo VIII), verificando-se uma quebra clara após o segundo componente. Desta forma optou-se pela manutenção destes dois fatores para análise posterior.

Quadro 3.2.1.3. Análise da Variância Total Explicada pelos Componentes da EBSC

Componentes	Valores próprios			Extração da soma dos quadrados dos <i>loadings</i>		
	Total	% Variância	% Cumulativa	Total	% Variância	% Cumulativa
1	3,392	42,398	42,398	3,392	42,398	42,398
2	1,587	19,838	62,236	1,587	19,838	62,236
3	,909	11,360	73,596			
4	,742	9,269	82,865			
5	,469	5,868	88,733			
6	,399	4,982	93,715			
7	,311	3,887	97,602			
8	,192	2,398	100,000			

Assim sendo, no presente estudo os dois fatores extraídos explicam 62,236% da variância cumulativa, tendo o primeiro valor próprio de 3,392 (explicando 42,398% da variância total) e o segundo um valor próprio de 1,587 (explicando 19,838% da

variância total). A forma como os itens se organizam relativamente aos fatores foi obtida através de uma rotação ortogonal *varimax*. (ver Quadro 3.2.1.4).

Quadro 3.2.1.4. Matriz de Componentes Após Rotação

Itens	Componentes	
	1	2
EBSC1		,894
EBSC2		,885
EBSC3	,839	
EBSC4	,845	
EBSC5	,555	
EBSC6	,443	
EBSC7	,820	
EBSC8	,817	

Método de rotação: *Varimax* com normalização *Kaiser*. Rotação convertida em 3 iterações.

Verificamos, assim, através da matriz de componentes, que o primeiro fator agrega o conjunto de saturações dos itens EBSC3, EBSC4, EBSC5, EBSC6, EBSC7 e EBSC8 e o segundo fator agrega as saturações dos itens EBSC1 e EBSC2. Verifica-se igualmente que o fator 1 associa três dimensões que haviam sido teorizadas na *Brief Sense of Community Scale* (Peterson e col. 2008), nomeadamente as dimensões *Pertença*, *Influência* e *Ligações Emocionais Partilhadas*, resultando pois num único fator que será designado de *Envolvimento*, em consonância com a proposta de Marante (2010) na validação e adaptação da escala para a população portuguesa. A dimensão *Envolvimento* apresenta, assim, no presente estudo elevada consistência interna ($\alpha=.822$). No caso do fator 2, este agrega a média das saturações dos itens EBSC1 e EBSC2, e apresenta também boa consistência interna ($\alpha=.777$) e será designado de *Satisfação de Necessidades*.

3.3. ANOVA a um fator (*One Way*) dos resultados da EBSC

Dado que a análise fatorial permitiu detetar a existência de dois fatores estruturantes relativos ao *Sentido Psicológico de Comunidade*, pretendeu-se, então, explorar o impacto do tipo de situação habitacional nos valores de *Sentido Psicológico de Comunidade*, medidos pela *Escala Breve de Sentido de Comunidade* (Peterson, Speer & McMillan, 2008, versão adaptada por Marante, 2010), o impacto da situação habitacional nos valores do fator *Envolvimento*, igualmente medidos pela *EBSC* (Peterson, Speer & McMillan, 2008, versão adaptada por Marante, 2010) e o impacto da situação habitacional nos valores do fator *Satisfação de Necessidades*, também medidos pela *EBSC* (Peterson, Speer & McMillan, 2008, versão adaptada por Marante, 2010).

Para tal foi desenvolvida uma análise de variância a um fator (*One Way ANOVA*) entre grupos, tendo sido completados os pressupostos requeridos à elaboração da mesma. Os sujeitos foram assim divididos em três grupos de acordo com a condição habitacional – amostra normativa, amostra de venda livre e amostra de realojamento. Assim, e intentando responder à questão de investigação 1 (existirá uma diferença significativa no *Sentido Psicológico de Comunidade*, entre a amostra realojada, a amostra normativa e a amostra de venda livre, do bairro da Alta de Lisboa?), verifica-se, numa primeira leitura, que a média mais elevada do total da EBSC está adereçada à amostra normativa, sendo a segunda média mais elevada referente à amostra de realojamento e a última referente à amostra de venda livre, como pode verificar-se no Quadro 3.3.1.

Quadro 3.3.1. Médias e Desvio-Padrão da EBSC Total

Amostra	N	Média	Desvio-Padrão
Amostra Normativa	73	2,86	.43
Amostra Realojamento	58	2,83	.49
Amostra Venda Livre	50	2,54	.39

Numa segunda leitura mais aprofundada e atendendo às comparações múltiplas entre as médias do total da EBSC (ver Quadro 3.3.2.) das três amostras em causa, os resultados permitem verificar uma diferença significativa entre a média do total da EBSC da amostra normativa e a média do total da EBSC da amostra de venda livre ($F(2, 178) = .32, p < .05$) e entre a média do total da EBSC da amostra de venda livre e a média do total da EBSC da população realojada ($F(2, 178) = -.29, p < .05$). A interpretação destes resultados aponta para que o *Sentido Psicológico de Comunidade* seja significativamente menor na amostra de venda livre relativamente à amostra de realojamento e à amostra normativa. Apesar de a amostra de população normal apresentar valores médios mais altos do que a população realojada, quanto ao *Sentido Psicológico de Comunidade*, estes não são estatisticamente significativos. Pensando nas questões de investigação, podemos afirmar que 1) a média do total da EBSC na amostra normativa só é significativamente mais elevada do que a média do total da EBSC da amostra de venda livre. A média desta última é significativamente mais reduzida do que as médias dos totais da EBSC de ambas as amostras, normativa e de realojamento.

Quadro 3.3.2. ANOVA EBSC Total – Comparações Múltiplas

Amostra (I)	Amostra (J)	F	Sig.
Normativa	Venda livre	,32*	,000
	Realojamento	,029	1,000
Venda Livre	Normativa	-,32*	,000
	Realojamento	-,29*	,002
Realojamento	Normativa	-,029	1,000
	Venda livre	,29*	,002

*Diferença significativa ao nível de significância de .05.

Atendendo aos resultados encontrados e visando dar resposta à segunda questão de investigação (Existirão diferenças significativas nas dimensões subjacentes ao *Sentido Psicológico de Comunidade*, entre a população realojada do bairro da Alta de Lisboa, a população de venda livre do bairro da Alta de Lisboa e a população

normativa?), foi feita uma ANOVA às duas dimensões que subjazem ao SPC medido pela EBSC, como pode verificar-se nos Quadros 3.3.3. e 3.3.4.

Quadro 3.3.3. Médias e Desvio-Padrão das Dimensões da EBSC por Amostra

	Amostra Normativa			Amostra Realojamento			Amostra Venda Livre		
	<i>N</i>	Média	<i>DP</i>	<i>N</i>	Média	<i>DP</i>	<i>N</i>	Média	<i>DP</i>
<i>Satisfação de Necessidades</i>	73	2.89	.65	58	2.39	.64	50	2.57	.52
<i>Envolvimento</i>	73	2.85	.51	58	2.98	.57	50	2.53	.44

Quadro 3.3.4. ANOVA das Dimensões da EBSC – Comparações Múltiplas

Dimensão EBSC	Amostra (I)	Amostra (J)	<i>F</i>	Sig.
<i>Envolvimento</i>	Normativa	Venda Livre	,32*	,003
		Realojamento	-,13	,467
	Venda Livre	Normativa	-,32*	,003
		Realojamento	-,45*	,000
	Realojamento	Normativa	,13	,467
		Venda Livre	,45*	,000
<i>Satisfação de Necessidades</i>	Normativa	Venda Livre	,32*	,015
		Realojamento	,50*	,000
	Venda Livre	Normativa	-,32*	,015
		Realojamento	,18	,379
	Realojamento	Normativa	-,50*	,000
		Venda Livre	-,18	,379

*Diferença significativa ao nível de significância de .05.

Como pode verificar-se no Quadro 3.3.4. foram encontradas diferenças significativas em ambas as dimensões do SPC medidas pela EBSC – *Envolvimento* e *Satisfação de Necessidades*.

Quanto à dimensão *Envolvimento*, os resultados obtidos através de ANOVA permitem observar uma diferença significativa entre a média da amostra normativa e a média da amostra de venda livre ($F(2, 178) = .32, p = .003$). É também observável uma diferença significativa na média desta mesma dimensão entre a população de venda livre e a população realojada ($F(2, 178) = -.45, p = .000$). Não se verifica nenhuma diferença estatisticamente significativa entre a amostra normativa e a amostra de realojamento relativamente à dimensão *Envolvimento* medida pela EBSC, contudo as médias da mesma são superiores na amostra de realojamento (ver Quadro 3.3.3.). A interpretação dos resultados aponta para que o *Envolvimento* seja significativamente inferior na amostra de venda livre relativamente às amostras de realojamento e normativa. Entre a amostra de realojamento e a amostra normativa não se encontram diferenças significativas.

No que se reporta à dimensão *Satisfação de Necessidades*, os resultados da ANOVA permitem observar uma diferença significativa entre a amostra normativa e a amostra de venda livre ($F(2, 178) = .32, p = .015$), assim como é possível verificar-se uma diferença significativa entre a amostra normativa e a amostra de realojamento ($F(2, 178) = .50, p = .000$). Não se verificam diferenças significativas entre a amostra de realojamento e a amostra de venda livre. Fazendo uma leitura interpretativa dos resultados, observa-se que a *Satisfação de Necessidades* é significativamente superior na amostra normativa relativamente às amostras de realojamento e de venda livre. Apesar de não se verificarem diferenças significativas na dimensão *Satisfação de Necessidades* entre a amostra de realojamento e a amostra de venda livre, observam-se valores médios mais elevados na amostra de venda livre (ver Quadro 3.3.3.).

O conjunto de resultados enunciado foi também analisado através da alternativa não paramétrica oferecida pelo Teste de *Kruskal-Wallis*, tendo existido uma rejeição da hipótese nula que postula a partilha de uma mesma medida de tendência central para as três amostras (Maroco & Bispo, 2003), nos valores referentes ao total da EBSC, no valor da dimensão *Envolvimento* medida pela EBSC, e no valor da dimensão *Satisfação de Necessidades*, também medido pela EBSC, o que parece reforçar as conclusões supracitadas. A análise dos resultados da EIC será seguidamente apresentada.

3.4. Escala de Importância de Comunidade

3.4.1. Consistência Interna da Medida

Para verificar a consistência interna da *Escala de Importância de Comunidade* (EIC) procedeu-se também ao cálculo do *Alpha de Cronbach* nas três amostras em estudo (ver Quadro 3.3.1.).

Quadro 3.4.1. Alphas de Cronbach da EIC

	<i>Alpha de Cronbach</i>	N
Amostra Normativa	.75	73
Amostra Realojamento	.78	58
Amostra Venda Livre	.72	50

Considerando os valores de *Alpha de Cronbach* das três populações em causa, os resultados apontam para a existência de consistência interna do instrumento, adequando-se este à medição pretendida. Quanto aos valores médios das três amostras, estas apresentam valores médios entre 2 e 3 valores.

3.4.2 ANOVA a um Fator (*One Way*) dos Resultados da EIC

Revista a consistência interna do instrumento torna-se possível atender à terceira questão de investigação referente à existência de diferenças significativas na *Importância da Comunidade* entre amostras, tendo-se verificado se as médias do total da EIC são significativamente diferentes entre populações. Para tal procedeu-se a uma análise da variância a um fator (*ANOVA*).

Quadro 3.4.2. Médias e Desvio-Padrão da EIC

	N	Média	Desvio Padrão
Amostra Normativa	73	2.49	.79
Amostra Realojamento	58	2.67	.89
Amostra Venda Livre	50	2.41	.61

Quadro 3.4.3. ANOVA do Total EIC – Comparações Múltiplas

Amostra (I)	Amostra (J)	Diferença de médias (I-J)	Sig.
Normativa	Venda Livre	.08	1.00
	Realojamento	-.19	.53
Venda Livre	Normativa	-.08	.14
	Realojamento	-.26	.15
Realojamento	Normativa	.19	.14
	Venda Livre	.26	.15

Considerando o Quadro 3.4.2. torna-se possível verificar que a amostra que apresenta uma média do total da EIC mais elevada corresponde à amostra de população realojada, apresentando a população normativa o segundo valor mais elevado, surgindo a população de venda livre com os valores mais reduzidos na média do total da EIC. Cruzando esta informação com os resultados disponibilizados pela ANOVA, podemos afirmar, contudo, que as diferenças entre médias não são estatisticamente significativas, resultado que tinha também já sido antecipado na análise não-paramétrica feita através do teste de *Kruskal-Wallis*, onde a hipótese nula não foi rejeitada. Desta forma aponta-se para uma distribuição semelhante do valor total da EIC nas diferentes categorias do tipo de população (população normal, população de venda livre e população realojada) e portanto, a similaridade de uma mesma medida de tendência central. De forma a dar resposta à questão de investigação de investigação 3 – De acordo com os resultados disponibilizados, não existe diferença significativa na *Importância* atribuída à *Comunidade*, nas três populações do presente estudo. Apesar de os resultados das médias totais da EIC mais elevados se adereçarem à amostra de realojamento, e os mais reduzidos corresponderem à média de avaliações da amostra de venda livre, estes não possuem diferenças que possam ser consideradas significativas.

3.5. Correlação EBSC e EIC

De forma a atender à quarta questão de investigação – Será que existe alguma relação significativa entre o *Sentido Psicológico de Comunidade* e a *Importância da*

Comunidade? – e explorar a relação entre o *Sentido Psicológico de Comunidade*, medido pela EBSC, e a *Importância da Comunidade*, medida pela EIC, foi conduzida uma correlação de *Spearman* (ver Quadro 3.5.)

Quadro 3.5. Correlação de *Spearman* entre Totais da EBSC e EIC

	Correlação de <i>Spearman</i>	Sig. (2-tailed)
EBSC – EIC	.48*	0.000

*A correlação é significativa a um nível significância de .01

Interpretando os resultados disponibilizados pelo Quadro 3.5., verifica-se uma correlação positiva entre o total da EBSC e o total da IC ($r = .48$ para $p < .01$). Tal significa que, de um modo geral, quão mais elevada for o *Sentido Psicológico de Comunidade*, maior será a percepção de *Importância da Comunidade*.

3.6. Relação entre Variáveis Sociodemográficas e *Sentido Psicológico de Comunidade*

Para dar resposta à questão de investigação 5, que diz respeito à existência de relação entre o SPC, medido pela EBSC, e variáveis sociodemográficas, foi desenvolvida uma correlação de *Spearman* para aferir a relação entre as variáveis sociodemográficas *Escolaridade*, *Número de Filhos*, *Profissão*, *Tempo de Residência*, *número de Atividades* e o total EBSC (ver Quadro 3.6.1.), assim como com os domínios subjacentes, designadamente *Envolvimento* e *Satisfação de Necessidades* (ver Quadro 3.6.2.).

Considerando os resultados abaixo apresentados, verifica-se que não existe correlação entre o Total EBSC e a variável sociodemográfica (VD) *Número de Filhos*. Encontra-se uma correlação negativa entre a VD *Nível de Escolaridade* e o total EBSC, em que se verifica que quanto maior a escolaridade, menor tende a ser o total da EBSC ($r = -.17$ para $p < .05$). Nas VD *Profissão*, *Tempo de Residência* e *Número de Atividades*, verificam-se correlações positivas. Correspondentemente, verifica-se uma correlação positiva entre o total EBSC e o *Grupo Profissional* ($r = .21$ para $p < .05$),

sendo que quanto menor a qualificação do *Grupo Profissional*⁸ de pertença⁸, maior tende a ser o total da EBSC. Existe, igualmente, uma correlação positiva entre o *Tempo de Residência* no bairro e o total da EBSC ($r = .42$, para $p = .000$). Assim, quanto maior for o *Tempo de Residência*, maior tende a ser o total da EBSC. Também se encontrou uma correlação positiva entre a VD *Número de Atividades* realizadas no bairro e o total EBSC ($r = .16$, para $p = .03$). Tal significa que quanto maior o *Número de Atividades* realizadas no bairro, maior tende a ser o total da EBSC.

Quadro 3.6.1. Correlações entre Variáveis Demográficas e Total EBSC

	Variáveis Sociodemográficas	Correlação Spearman	Sig. (2-tailed)
EBSC Total	Número Filhos	.09	.23
	Escolaridade	-.17*	.02
	Grupo Profissional	.21*	.02
	Tempo Residência	.42**	.000
	Número Atividades	.16*	.03

*Correlação significativa ao nível de significância de .05

**Correlação significativa ao nível de significância de .01

Considerando, agora, as relações entre VD e as dimensões do SPC medidas pela EBSC (ver Quadro 3.6.2.). Verifica-se pois, para a dimensão *Envolvimento* uma correlação negativa com a VD *Escolaridade* ($r = -.29$, para $p = .01$), o que aponta para que quanto menor for a *Escolaridade* maior tenderá a ser o *Envolvimento* na comunidade. Verifica-se uma correlação positiva entre o *Grupo Profissional* de pertença e a dimensão *Envolvimento* ($r = .29$, para $p = .01$), apontando para que quanto menor for a qualificação do *Grupo Profissional* de pertença, maior tenderá a ser o *Envolvimento* Comunitário. Foi também encontrada uma correlação positiva entre o *Tempo de Residência* e a dimensão em causa ($r = .48$, para $p = .01$), evidenciando este

⁸ Relembra-se que a classificação utilizada no presente estudo está de acordo com o estipulado pelo IEF, i.e., com a Classificação Nacional de Profissões, em que o grupo profissional mais elevado assume o valor de 1 e o mais baixo assume o valor de 9. (ver Anexo II)

valor a existência de uma relação onde quanto maior for o *Tempo de Residência* no bairro, maior tenderá, também, a ser o *Envolvimento Comunitário*. Por último, e em relação à dimensão *Envolvimento*, encontrou-se uma correlação positiva entre o *Número de Atividades* realizadas no bairro e o *Envolvimento* neste ($r = .21$, para $p = .01$). Assim, quanto maior o *Número de Atividades* realizadas no bairro, maior tende a ser o *Envolvimento*. A VD *Número de Filhos* não apresentou correlação estatisticamente significativa com a presente dimensão.

Quadro 3.6.2. Correlações entre Variáveis Demográficas e Dimensões da EBSC

Dimensão EBSC	Variáveis Sociodemográficas	Correlação de Spearman	Sig. (2-tailed)
<i>Envolvimento</i>	Número de Filhos	.10	.200
	Escolaridade	-.29**	.000
	Grupo profissional	.29**	.001
	Tempo Residência	.48**	.000
	Número Atividades	.21**	.006
<i>Satisfação de Necessidades</i>	Número de Filhos	.01	.90
	Escolaridade	.20**	.010
	Grupo Profissional	-.13	.13
	Tempo Residência	.03	.74
	Número Atividades	-.07	.38

**Correlação significativa ao nível de significância de .01

No que se refere à dimensão *Satisfação de Necessidades*, verificou-se apenas uma correlação positiva com a VD *Escolaridade* ($r = .20$, para $p = .01$), apontando este valor para uma relação em que quanto maior for a *Escolaridade*, maior tenderá também a ser a *Satisfação de Necessidades*. As restantes VD não apresentaram valores estatisticamente significativos com a dimensão em causa.

3.7. ANOVA das Variáveis Sociodemográficas entre Grupos

Pretendendo dar resposta à questão de investigação 6, que se reporta à verificação de diferenças significativas nas *Variáveis Sociodemográficas* entre amostras, recorreu-se a uma *ANOVA one-way*. Os resultados obtidos podem observar-se nos Quadro 3.7.1. e Quadro 3.7.2.

Quadro 3.7.1. ANOVA das Variáveis Sociodemográficas – Comparações Múltiplas

Variável Sociodemográfica	Amostra (I)	Amostra (J)	F	Sig.
<i>Escolaridade</i>	Normativa	Venda Livre	-.17	1.000
		Realojamento	.28*	.000
	Realojamento	Venda Livre	-2.97*	.000
<i>Número de Filhos</i>	Normativa	Venda Livre	.06	1.000
		Realojamento	-1.16*	.000
	Realojamento	Venda Livre	1.22*	.000
<i>Grupo Profissional</i>	Normativa	Venda Livre	.90	.09
		Realojamento	-2.87*	.000
	Realojamento	Venda Livre	3.76*	.000
<i>Tempo de Residência</i>	Normativa	Venda Livre	14.60*	.000
		Realojamento	-2.53	.783
	Realojamento	Venda Livre	17.13*	.000
<i>Número de Atividades</i>	Normativa	Venda Livre	.20	.95
		Realojamento	-.25	.64
	Realojamento	Venda Livre	.45	.22

*Diferença significativa a um nível de significância de .05

Quanto à VD *Escolaridade*, a amostra de realojamento apresenta valores significativamente inferiores aos da amostra de venda livre ($F(2, 178) = -2.97, p = .000$) e a amostra normativa apresenta valores significativamente superiores aos da amostra de realojamento ($F(2, 178) = .28, p = .000$), apontando estes resultados para

escolaridades significativamente inferiores na amostra de realojamento, relativamente às amostras normativa e de venda livre.

Quadro 3.7.2. Variáveis Sociodemográficas – Médias e Desvio Padrão Por Amostra

Variável Sociodemográfica	Amostra	Média	Desvio-Padrão
<i>Escolaridade</i>	Normativa	5,5	1,2
	Venda Livre	5,6	1,2
	Realojamento	2,7	1,2
<i>Grupo Profissional</i>	Normativa	3,3	2,4
	Venda Livre	2,4	1,3
	Realojamento	6,2	2,3
<i>Número de Filhos</i>	Normativa	1	1,1
	Venda Livre	0,9	0,9
	Realojamento	2,2	1,7
<i>Tempo de Residência</i>	Normativa	17,7	14,8
	Venda Livre	3,1	1,9
	Realojamento	20,3	14,2
<i>Número de Atividades</i>	Normativa	0,7	1,2
	Venda Livre	0,5	0,9
	Realojamento	0,9	1,2

Nestas duas últimas amostras não existem diferenças significativas na média do *Nível de Escolaridade*. A VD *Número de Filhos* apresenta valores significativamente superiores na amostra de realojamento relativamente à amostra de venda livre ($F(2, 178) = 1.22, p = .000$) enquanto a amostra normativa apresenta valores significativamente inferiores aos da amostra de realojamento ($F(2, 178) = -1.16, p = .000$). Interpretando estes resultados, torna-se possível apontar para uma média do número de filhos significativamente superior na amostra de realojamento em relação às amostras normativa e de venda livre, entre as quais não se verificam diferenças

significativas para a VD em causa. Quanto à VD *Grupo Profissional* de pertença, encontram-se valores significativamente inferiores na população normativa em relação à população realojada ($F(2, 131) = -2.87, p = .000$) e valores significativamente superiores na amostra de realojamento comparativamente com a amostra de venda livre ($F(2, 131) = 3.76, p = .000$). Tal aponta para que a população de realojamento apresente uma média significativamente superior de indivíduos que pertencem a *Grupos Profissionais* numerados de forma mais elevada e, portanto, correspondentes a profissões de menor qualificação, relativamente às amostras normativa e de venda livre, onde não se verificam diferenças significativas no que se refere à VD em causa. Quanto ao tempo de residência, quer a amostra normativa ($F(2, 170) = 14.60, p = .000$), quer a amostra de realojamento ($F(2, 170) = 17.13, p = .000$) apresentam valores significativamente superiores aos da amostra de venda livre. Estes valores apontam, assim, para que a média de *Tempo de Residência* seja significativamente inferior na amostra de venda livre relativamente às amostras normativa e de realojamento. Apesar de o *Tempo de Residência* ser superior na amostra normativa relativamente à amostra de realojamento esta diferença não é significativa. Por último, quando à VD *Número de Atividades* realizadas no bairro de residência, não se verificam diferenças significativas entre qualquer uma das três amostras do presente estudo.

A discussão do conjunto de resultados encontrados será feita no capítulo seguinte, que se ocupará maioritariamente do levantamento de hipóteses explicativas para os mesmos.

IV. Discussão e Conclusões

O presente estudo pretendeu, enquanto objetivo central, verificar se existem diferenças significativas nas variáveis *Sentido Psicológico de Comunidade* e *Importância de Comunidade*, em duas subamostras pertencentes ao bairro da Alta de Lisboa (amostra de realojamento e amostra de venda livre), e subsequente comparação destas com uma amostra normativa. Procurou também analisar diferenças significativas nas dimensões que subjazem ao *Sentido Psicológico de Comunidade*, designadamente a dimensão *Envolvimento* e a dimensão *Satisfação de Necessidades* nas populações acima citadas. Pretendeu, ainda, aferir se as variáveis sociodemográficas *Escolaridade*, *Número de Filhos*, *Grupo Profissional*, *Número de Atividades* e *Tempo de Residência* no bairro, poderiam correlacionar-se com o *Sentido Psicológico de Comunidade* nas três amostras alvo de estudo. O presente capítulo pretende dar resposta às questões empíricas previamente enunciadas, adereçando-lhes os resultados encontrados, em conformidade com as questões de investigação. É ainda pretendido refletir acerca das limitações do presente estudo e acerca de implicações práticas do mesmo.

4.1. Integração e Discussão dos Resultados empíricos

A discussão dos resultados empíricos fará referência às questões de investigação 5 (Será que existe alguma relação significativa entre as *Variáveis Sociodemográficas Nível de Escolaridade*, *Número de Filhos*, *Grupo Profissional*, *Tempo de Residência*, *Número de Atividades* e o *Sentido Psicológico de Comunidade*?) e 6 (Será que existem diferenças significativas nas variáveis demográficas por amostra?) sem que lhes seja adereçado um ponto específico, dado que a discussão das mesmas será feita conjuntamente com as restantes questões de investigação, uma vez que parecem estar diretamente relacionadas com algumas delas, nomeadamente aquelas que se referem às dimensões do SPC.

4.2. *Sentido Psicológico de Comunidade*

Assim, atendendo à primeira questão de investigação “Existirá uma diferença significativa no *Sentido Psicológico de Comunidade*, entre a população realojada, a população normativa e a população de venda livre, do bairro da Alta de Lisboa?”, o que

se verifica é que o *Sentido Psicológico de Comunidade* parece ser significativamente inferior na amostra de venda livre em relação às amostras realojada e normativa, parecendo este ser afetado pela referida circunstância habitacional; o que não se verifica entre a amostra realojada e a amostra normativa, onde as circunstâncias habitacionais parecem não influir significativamente no *Sentido Psicológico de Comunidade*. Assim, e de acordo com o modelo de McMillan & Chavis (1986), os indivíduos pertencentes à amostra de venda livre parecem deter menor sentimento de pertença à comunidade, menor sentimento de preocupação mútua e com o grupo, assim como menor crença de encontrarem as suas necessidades satisfeitas com base no compromisso de permanecerem juntos; relativamente aos indivíduos pertencentes a habitações reservadas ao realojamento, ou a indivíduos pertencentes à amostra normativa.

Importa, pois, levantar algumas hipóteses que possam justificar os valores significativamente inferiores da amostra de venda livre, especialmente em relação à amostra de realojamento, com a qual existe uma partilha territorial e comunitária. É importante lembrar alguns aspetos referentes ao processo de realojamento no bairro da Alta de Lisboa, preconizado exclusivamente pela amostra de realojamento. A partilha deste processo pelos indivíduos pertencentes à amostra de realojamento abarca a vivência conjunta de uma alteração residencial, que se faz contudo, num território familiar, imbuído simbólica e narrativamente. O processo de realojamento, no caso da amostra de realojamento, faz parte de uma história conhecida e acima de tudo, vivenciada, o que não acontece na amostra de venda livre, onde não existe uma relação anterior com o espaço, e com outros habitantes que a este pertenceram. Por outro lado, é importante considerar a solidariedade processual do realojamento (quase como uma expressão de “comunhão na mudança”), preconizada pela amostra de realojamento, mas não pela amostra de venda livre e que poderá, eventualmente, justificar valores inferiores relativos ao *Sentido Psicológico de Comunidade*. Foi também com esta amostra de população realojada realizado um estudo, desenvolvido por Carapinha (2010), que explora dois momentos, um momento pré-realojamento e um momento pós-realojamento, sendo que os valores mais elevados de SPC se verificam na situação pré-realojamento, o que acaba por reforçar a ideia de que os indivíduos pertencentes à amostra realojada haviam já pensado esta comunidade como uma comunidade, aliás

haviam-no feito avaliando-a mais positivamente do que atualmente o fazem. Ou seja, parece existir uma vivência comunitária anterior, e uma identificação com esta mesma comunidade, o que não acontece na amostra de venda livre, em que o percurso habitacional nesta zona territorial se iniciou no momento em que adquiriram a habitação.

4.2.1. *Sentido Psicológico de Comunidade* – Dimensões Subjacentes

Contemplando a questão de investigação 2 – “Existirão diferenças significativas nas dimensões subjacentes ao *Sentido Psicológico de Comunidade*, entre a população realojada do bairro da Alta de Lisboa, a população de venda livre do bairro da Alta de Lisboa e a população normativa?” – podemos afirmar que existiram algumas diferenças significativas entre grupos para ambas as dimensões em causa, que serão discutidas separadamente, dado que as diferenças não aconteceram de forma equivalente em ambas as dimensões e amostras.

4.2.1.1. Dimensão *Envolvimento*

O que se verificou na dimensão *Envolvimento* foi, à semelhança do *Sentimento Psicológico de Comunidade*, a presença de valores significativamente inferiores na amostra de venda livre relativamente às amostras normativa e de realojamento. Entre estas duas últimas amostras as diferenças não foram significativas. Portanto, a dimensão *Envolvimento* parece ser afetada pela circunstância habitacional “venda livre”. Estes valores apontam, de acordo com o modelo de McMillan e Chavis (1986), para que os indivíduos pertencentes à amostra de venda livre possuam menor perceção de importância no grupo, importância esta que, caso existisse, faria com que sentissem fazer diferença no grupo, da mesma forma que o grupo a perfaria em si mesmos.

Por outro lado, estes resultados podem também ser lidos em função das relações que se estabelecem com as VD. Para a VD nível de *Escolaridade*, a amostra de venda livre e a amostra de realojamento parecem ser as que melhor corroboram a correlação negativa encontrada entre *Escolaridade* e *Envolvimento*, que aponta para que quanto maior a *Escolaridade*, menor tenderá a ser o envolvimento. Os resultados apontam, também, para que a *Escolaridade* seja significativamente superior nas amostras

normativa e de venda livre relativamente à amostra de realojamento. Além deste aspeto, a amostra de realojamento apresenta a média mais elevada das três amostras para a dimensão *Envolvimento*, além de apresentar valores significativamente inferiores ao das amostras de venda livre e normativa no que se refere à *Escolaridade*. Importa refletir acerca dos aspetos referentes à *Escolaridade* que poderão influir nesta dimensão. A hipótese levantada no presente estudo é de que os indivíduos pertencentes à amostra de venda livre vão preferir comunidades de interesse à comunidade geográfica e, como tal, preconizarão um desinvestimento nesta última, daí que cotem mais baixo na dimensão *Envolvimento*. Também Prezza e Constantini (1998), num estudo referente a três comunidades geográficas, encontraram relação entre o nível de *Escolaridade* e SPC, tendo os autores verificado que indivíduos com maior *Escolaridade* tendiam a sentir-se menos pertencentes a uma comunidade territorial, dado que o nível educacional promoveria maior número de alternativas de escolha, expressas em maior conhecimento, assim como em interesses culturais mais amplos, que não poderiam ser totalmente atendidos numa comunidade geográfica e no território que esta encerra. A mesma explicação poderá também adequar-se à relação estabelecida entre a dimensão *Envolvimento* e a VD *Grupo Profissional* de pertença, dado que as populações de venda livre e normativa apresentam valores significativamente inferiores aos da amostra de realojamento na média de indivíduos pertencentes a profissões de menor qualificação. Tal aponta, pois, para que os indivíduos pertencentes à amostra normativa e à amostra de venda livre, invistam em comunidades de interesse em detrimento de comunidades geográficas, dado que, mais uma vez, a oferta do território parece não ser suficiente para atender aos focos de interesse dos mesmos. Por outro lado, as estatísticas descritivas apontam para que existam números mais elevados de indivíduos desempregados na amostra de realojamento, o que à partida poderá representar uma disponibilidade acrescida de investimento no bairro e na comunidade de residência.

Quanto à VD *Número de Atividades* realizadas no bairro de residência, o que se verificou foi que quanto maior o *Número de Atividades* realizadas, maior tenderia a ser o *Envolvimento*. Pode justificar-se a relação estabelecida em função daquilo que foi também sugerido por Prezza e Constantini (1998), que se refere ao favorecimento de valores elevados no SPC mediante o investimento em atividades de voluntariado ou

mesmo laborais, no bairro, dado que promovem um contacto acrescido com este espaço, e uma oportunidade de relação com o espaço, também ela favorecida. No entanto, no presente estudo, não se verificaram diferenças significativas para esta VD entre amostras. Contudo, o que se verificou foi que a amostra de realojamento apresentava a média mais elevada das três amostras, seguida da amostra normativa e da amostra de venda livre, o que acaba por situá-las hierarquicamente na disposição em que se situam relativamente às médias para a dimensão *Envolvimento*. A variável, contudo, parece não ser, por si só, suficiente para explicar as diferenças encontradas para a dimensão.

No que se reporta à VD *Tempo de Residência*, encontrou-se uma correlação positiva entre o *Tempo de Residência* e a dimensão *Envolvimento*, apontando para que quanto maior for o *Tempo de Residência*, maior será o *Envolvimento*. O que se verifica na presente dimensão são valores significativamente inferiores na venda livre relativamente a qualquer uma das restantes amostras. Hipotetiza-se que a mesma variável influa na dimensão por meio da relação que se estabelece com o espaço, sendo que, quanto maior o *Tempo de Residência* no mesmo, maior tenderão a ser os vínculos estabelecidos com este, e, como tal, maior será também o historial de relação com outros moradores. Estes aspetos podem facilitar a forma como o indivíduo se sente seguro para investir nesta relação com o território e como encontra aspetos que promovam maior familiaridade com o mesmo. Num estudo de Elias e Scotson (1994, citados por Carson, Chappell & Dujela, 2010) verificou-se que uma dinâmica de poder se estabelecia entre dois grupos populacionais – um grupo de população detentora de menor tempo de residência e outro de população estabelecida há maior tempo no território. Esta relação de poder funcionava mediante uma dinâmica em que o grupo estabelecido possuiria superioridade de poder, que havia sido construído ao longo dos anos e que resultava de maior coesão interna e controlo comum, relativamente ao novo grupo. Poderá também verificar-se, no presente estudo, este tipo de relação, mediado pela variável *Tempo de Residência*. O motivo pelo qual as diferenças surgem mais acentuadas entre amostra de venda livre e realojamento pode dever-se a esta partilha de território mediada por tempos distintos de relação com o território, o que à partida não se verificará de forma tão acentuada nas diferenças com a amostra normativa, que é

proveniente de várias zonas residenciais em Portugal podendo estes aspetos ter sido esbatidos.

No presente estudo não se encontrou nenhuma correlação entre a VD *Número de Filhos* e a dimensão *Envolvimento*.

4.2.1.2. Dimensão *Satisfação de Necessidades*

Quanto à dimensão *Satisfação de Necessidades*, a única VD que parece correlacionar-se com esta dimensão reporta-se ao nível de *Escolaridade*, apontando os resultados para que quanto maior for a *Escolaridade*, maior será também a *Satisfação de Necessidades*. Assim, atendendo à questão de investigação que aponta para a existência, ou não, de diferenças significativas entre amostras para a dimensão *Satisfação de Necessidades*, podemos responder afirmativamente, ou seja, existem diferenças entre populações que se desenham com a amostra normativa sendo detentora de valores significativamente superiores às restantes amostras. Entre a amostra de venda livre e a amostra de realojamento não se verificam diferenças significativas, contudo a amostra de venda livre apresenta médias mais elevadas para a dimensão em causa do que a amostra de realojamento.

À partida as diferenças para a VD *Escolaridade* apontam para valores significativamente inferiores para a amostra de realojamento relativamente às restantes amostras. A amostra de realojamento apresenta, à semelhança do apontado pela correlação expectada (quanto maior a *Escolaridade*, maior a *Satisfação de Necessidades*), os valores mais reduzidos em relação à dimensão em causa. Contudo, a amostra com níveis médios de *Escolaridade* mais elevados, i.e. venda livre, não apresenta o valor mais elevado na dimensão em causa, sendo este apresentado pela amostra normativa. Importa, primeiro, pensar o que motivará valores mais elevados para a amostra normativa relativamente a qualquer uma das amostras do bairro da Alta de Lisboa. A hipótese que neste estudo se coloca, reporta-se à localização geográfica do bairro da Alta de Lisboa, que se situa numa zona periférica da cidade, onde, à semelhança de outros PER e, como salientado por Cardoso e Perista (1994), decorre um isolamento do restante tecido urbano da cidade, assim como de outro de outro tipo de

recursos que possivelmente satisfariam as necessidades dos indivíduos pertencentes a este território (comércio, espaços recreativos, espaços culturais). Por outro lado, o bairro da Alta de Lisboa trata-se de um bairro recente, onde as infraestruturas disponíveis provavelmente necessitam de um tempo mais alargado para alcançarem expressão territorial que pudesse desenhar-se de forma equivalente ao restante tecido urbano da cidade. Além disso, na amostra normativa a proveniência é feita de múltiplos espaços residenciais e territoriais, sendo que a distribuição dos indivíduos não estará tão concentrada num único espaço, existindo provavelmente um esbatimento das diferenças.

Atendendo ao segundo aspeto, e que se refere à posição das médias para a presente dimensão, entre venda livre e realojamento, propõe-se uma hipótese explicativa que poderá alicerçar-se, em parte, na hipótese anteriormente postulada para a população de venda livre, que se reporta a maior investimento em comunidades de interesse em detrimento de comunidades geográficas, onde existirá um património comum que fundamente o investimento nas primeiras, como salientado por Obst, Smith e Zinkiewicz (2002b). Dado que o bairro parece, no caso da amostra de venda livre, constituir-se enquanto um refúgio habitacional, mais do que enquanto continuidade comunitária, e sendo as restantes funções sociais possivelmente desempenhadas fora da zona de residência, o facto de o bairro não apresentar recursos suficientes para atender às necessidades dos sujeitos pertencentes a esta amostra, pode não interferir de forma tão evidente nos resultados apresentados, daí que a média seja superior aquela apresentada pela amostra de realojamento. Por outro lado, na amostra de realojamento, dadas as diferenças significativas ao nível de *Escolaridade* (significativamente inferior à venda livre) e ao *Grupo Profissional* de pertença (número significativamente superior de indivíduos pertencentes a *Grupos Profissionais* de menor qualificação), antecipam-se restrições financeiras, que possivelmente não apresentarão a mesma visibilidade na amostra de venda livre. Estas restrições representarão um conjunto de dependência de outros serviços, maioritariamente públicos, que provavelmente não apresentarão a mesma capacidade de resposta que serviços privados, aos quais a amostra de venda livre poderá, possivelmente, aceder com maior facilidade.

4.3. Importância da Comunidade

Podemos, contemplando a questão de investigação 3 que se reporta à existência, ou não, de uma diferença significativa na *Importância da Comunidade*, entre a amostra realojada, a amostra de venda livre e a população normal, adereçar-lhe uma resposta negativa. Assim, torna-se possível afirmar que não existem diferenças significativas nos valores destas três populações quanto à importância que atribuem à comunidade. Por outro lado, a resposta à questão de investigação 4, que diz respeito à existência de correlação entre o *Sentido Psicológico de Comunidade* e a *Importância de Comunidade*, é afirmativa. O que se verificou foi que quanto maior o *Sentido Psicológico de Comunidade*, maior seria a *Importância da Comunidade*. Estes resultados acabam por corroborar o que foi já explanado anteriormente, sendo que, ainda que as diferenças não sejam significativas para as três populações no que se reporta à *Importância da Comunidade*, as médias para o mesmo constructo apresentam uma distribuição bastante semelhante aquela apresentada para o *Sentido Psicológico de Comunidade*, com a amostra de realojamento a apresentar a média mais elevada das três amostras, seguida pela amostra normativa, correspondendo a média mais reduzida à amostra de venda livre. Estes resultados enfatizam, contudo, a ideia de que será no constructo *Sentido Psicológico de Comunidade* que se encontrarão as maiores discrepâncias e que será requerido maior aprofundamento das mesmas. Como então explicar o facto de, por um lado, a importância atribuída à sua comunidade não diferir significativamente na amostra de venda livre em relação às amostras normativa e de realojamento, mas por outro lado o *Sentido Psicológico da Comunidade* ser significativamente inferior na amostra de venda livre em relação às amostras normativa e de realojamento? Uma hipótese levantada poderá ser a de que os habitantes de venda livre, embora atribuam igual importância à sua comunidade, ainda não possam estabelecer ou desenvolver um satisfatório *Sentido Psicológico da Comunidade*, devido a uma permanência ainda muito recente neste bairro, como já foi anteriormente referido.

Importa, estando reunida a discussão das questões de investigação, salientar os aspetos do presente estudo que possuem implicações para a prática comunitária, assim como apontar as principais limitações do mesmo.

4.4. Implicações Futuras do Presente Estudo e principais Limitações

Uma das principais conclusões deste estudo reporta-se à forma como a amostra de venda livre tende a situar-se como aquela em que a identificação com a comunidade e o *Sentimento de Comunidade* surgem mais enfraquecidos. Parte do trabalho desenvolvido no bairro da Alta de Lisboa deve-se, e de forma muito meritória, ao conjunto de esforços realizados e conduzidos pela equipa do projeto K’Cidade em parceria com a população do bairro. Os resultados do presente estudo enfatizam, pois, a ideia de que o trabalho desenvolvido junto da população realojada tem vindo a encaminhar-se de forma positiva. Salientam, contudo, a ideia de que dentro da comunidade o grupo da venda livre parece requerer intervenção, caso se pretenda construir uma comunidade geral da Alta de Lisboa, seja realojada, seja de venda livre, caracterizada por valores elevados de *Sentido Psicológico de Comunidade*.

Os resultados levantam, contudo, questões futuras relativamente a projetos urbanísticos que agrupem populações em que as características sociodemográficas e a morfologia habitacional sejam tão visivelmente discrepantes. Será preferível o desenvolvimento de bairros heterogéneos, que incorporem grupos populacionais distintos ou será preferível a manutenção de bairros que agrupem grupos populacionais homogéneos? O que tem vindo a verificar-se é que a homogeneidade se desenha de forma estigmatizante, promovendo a manutenção de conjuntos habitacionais dirigidos a populações precárias, por um lado, ou a populações de maior poderio económico e social, promovendo clivagens no espaço urbano (Cardoso & Perista, 1994). Do ponto de vista urbanístico, a Alta de Lisboa constitui-se enquanto bairro heterogéneo, em que contudo a morfologia habitacional promove a delimitação física de espaços e fronteiras entre grupos populacionais distintos, não possibilitando, assim, uma verdadeira comunicação populacional. Esta comunicação, contudo, possivelmente passará pela edificação de construções socialmente heterogéneas, que facultem a real confluência de grupos populacionais distintos num mesmo espaço, não só territorial, como também habitacional. Esse será, provavelmente um longo percurso, ao qual o presente estudo não pode responder na totalidade.

Este estudo apresenta, contudo, algumas limitações que devem ser salientadas. Uma primeira refere-se à recolha da amostra, sobretudo no que diz respeito à sua extensão, especialmente no que se reporta à amostra de venda livre, o que significa que a leitura de todo o estudo deve ser feita considerando que a representatividade dos presentes dados ainda está aquém daquela que é a real distribuição da população do bairro alvo de estudo. Por outro lado, a amostra normativa constituiu-se enquanto amostra de conveniência, sendo que alguns aspetos referentes à representatividade da mesma podem também ter sido afetados por esta condição. Salienta-se igualmente a dificuldade teórica na definição de bairro, que pode ter motivado incompreensões por parte dos inquiridos, podendo influir nos resultados obtidos.

Por fim, apesar do conjunto de limitações acima enunciado e da extensão das investigações desenvolvidas em torno do conceito *Sentido Psicológico de Comunidade*, espera-se que o presente estudo com amostras detentoras de características sociodemográficas tão distintas e que partilham um mesmo espaço territorial, possa abrir novos caminhos para a investigação nesta área, e que esta se perfaça considerando aspetos urbanísticos e intervenções comunitárias.

Bibliografia

Amaro, J. P. (2007). Sentimento Psicológico de Comunidade: uma revisão. *Análise Psicológica*, 1 (25), 25-33.

Augusto, N. M. (1998). Habitação Social – da intensão de inserção à ampliação da exclusão In *Actas do IV Congresso da Associação Portuguesa de Sociologia*.

Brodsky, A., Campo, P. & Aronson, R. (1999). PSOC in Community Context: Multi-level correlates of a Measure of Psychological Sense of Community in Low-Income Urban Neighbourhoods. *Journal of Community Psychology*, Vol. 27, No 6, 659-679.

Burroughs, S., & Eby, L. (1998). Psychological sense of community at work: A measurement system and explanatory framework. *Journal of Community Psychology*, 26, 509-532.

Carapinha, A. (2010). *Influência do processo de realojamento na percepção de Sentido de Comunidade e Apoio Social Percebido*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

Cardoso, A. & Perista, H. (1994). A Cidade Esquecida: Pobreza em bairros degradados de Lisboa. *Sociologia – Problemas e Práticas*, 15, 99-111.

Carson, A. J., Chappell, N. L. & Dujela, C. E. (2010). Power Dynamics of Neighbourhood Attachment and Involvement: Effects of Length of Residency versus Home Ownership. *Housing, Theory and Society*. Vol. 27, No 2, 162-177.

CEDRU - Centro de Estudos e Desenvolvimento Regional e Urbano (2010). *Alta de Lisboa – Avaliação Socioeconómica Intercalar - Relatório Final*. K’CIDADE, Lisboa.

Chavis, D.M., & Wandersman, A. (1990). Sense of community in the urban environment: A catalyst for participation and community development. *American Journal of Community Psychology*, 18, 55–81.

Chipuer, H. & Pretty, G. (1999). A Review of the Sense of Community Index: Current uses, Factor structure, reliability, and further development. *Journal of Community Psychology*, Vol. 27, No. 6, 643-658.

Colaço, M. (2010). *Comunidades Reconstruídas: Sentido de Comunidade e Apoio Social no Pós-Realojamento*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

Colombro, M., Mosso, C. & Picolli, N. (2001). Sense of Community and Participation in Urban Contexts. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 11, 457-464.

Davidson, W. B. & Cotter, P. R. (1991). The Relationship Between Sense of Community and Subjective Well-Being: A First Look. *Journal of Community Psychology*, vol.19, 246-253.

Freitas, M.J. (1995). *Ainda em busca de um direito à cidadania - situações de realojamento em análise*. Relatório 207/95. Lisboa: LNEC.

Giuliani, M. V. & Feldman, R. (1993). Place Attachment in a developmental and cultural context. *Journal of Environmental Psychology*, 13, 267-274.

Glória, A. R. (2010). *A Essência da Comunidade – Importância da Avaliação da Percepção do Sentido Psicológico de Comunidade em Comunidades Geográficas*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

Guerra, I. (1997). Um olhar sociológico sobre o alojamento. *Sociologia – Problemas e Práticas*, No 24, 165-181.

Guifford, R. (2007). *Environmental Psychology: Principles and Practice*. Colville, WA: Optimal Books.

Gustafson, P. (2001). Meanings of place: Everyday experience and theoretical conceptualizations. *Journal of Environmental Psychology*, 21, 5-16.

Hawkins, R. L. & Maurer, K. (2011). ‘You fix my Community you have fixed my life: The disruption and rebuilding of ontological security in New Orleans. *Disasters*, 35 (1), 143-159.

Hay, R. (1998). Sense of place in developmental context. *Journal of Environmental Psychology*, 18, 5-29.

Jourdan, D. & Feinberg, R. (2010). Valuing grief: A proposal to compensate relocated Public Housing residents. *University of Florida Journal of Law & Public Policy*. Vol. 21, 181-199.

Low, S. M. & Altman, I. (1992). Place Attachment: A Conceptual Inquiry In Altman, I. & Low, S. M. (Eds.), Place Attachment (pp 1-12). New York: Plenum.

Lucio, J. & Barrett, E. (2010). Community Lost and Found: Satisfaction and Collective Efficacy Among Relocated Public Housing Residents. *Journal of Poverty*, 14, 403-422.

Marante, L. (2010). *A Reconstrução do Sentido de Comunidade: Implicações Teórico-Metodológicas no Trabalho Sobre a Experiência de Sentido de Comunidade*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

Maroco, J. (2003). *Análise estatística : com utilização do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.

Maroco, J. & Bispo, R. (2003). *Estatística Aplicada às Ciências Sociais e Humanas*. 2ª Ed. Lisboa: Climepsi Editores.

McAndrew, F. T. (1998). The measure of “rootedness” and the prediction of attachment to home-towns in college students. *Journal of Environmental Psychology*, 18, 409-417.

McMillan, D. W. (1996). Sense of Community. *Journal of Community Psychology*, vol. 24, No. 4, 315-325.

McMillan, D. W. (2010). Sense of Community, a Theory not a value: A response to Nowell and Boyd. *Journal of Community Psychology*. Vol. 39, No 5, 507-519.

McMillan, D. & Chavis, D. (1986). Sense of Community: A definition and a theory. *Journal of Community Psychology*, 14, 6-23.

Montero, M. (2004). *Introducción a la psicología comunitaria: Desarrollo, conceptos y procesos*. Buenos Aires: Paidós.

Munné, F. (1971). *Grupos, masas y sociedades : introducción sistemática a la sociología general y especial*. Barcelona: Hispano Europea.

Nowell, B. & Boyd, N. (2010). Viewing Community as responsibility as well as resource: Deconstructing the theoretical roots of psychological sense of community. *Journal of Community Psychology*, Vol. 38, No 7, 828-841.

Nowell, B. & Boyd, N. (2011). Sense of Community as Construct and Theory: Author's response to McMillan. *Journal of Community Psychology*, Vol. 39, No 8, 889-893.

Obst, P., Zinkiewicz, L. & Smith, S. G. (2002a). Sense of Community in Science Fiction Fandom, Part 2: Comparing Neighborhood and Interest Group Sense of Community. *Journal of Community Psychology*, Vol. 30, No. 1, 105–117.

Obst, P., Smith, S. G. Zinkiewicz, L. (2002b). An Exploration of Sense of Community, part 3: Dimensions and Predictors of Psychological Sense of Community in Geographical Communities. *Journal of Community Psychology*, Vol. 30, No. 1, 119–133.

Obst, P. L. & White, K. (2007). Choosing to belong: The influence of choice on social identification and psychological sense of community. *Journal of Community Psychology*, Vol. 35, No. 1, 77-90.

Payton, M. A., Fulton, D. C., & Anderson, D. H. (2005). Influence of Place Attachment and Trust on Civic Action: A Study at Sherburne National Wildlife Refuge. *Society and Natural Resources*, 18, 511-528.

Pestana, M. H., Gageiro, J. N. (2005). *Análise de dados para ciências sociais A complementaridade do SPSS*. 4ª Edição. Lisboa: Edições Sílabo.

Peterson, N. A., Speer, P. W. e McMillan, D. W. (2008). Validation of a brief sense of community scale: Confirmation of the principal theory of sense of community. *Journal of Community Psychology*, 36, 61-73.

Pretty, G. M. H. & McCarthy, M. (1991). Exploring Sense of Community among Women and Men of the Corporation. *Journal of Community Psychology*. Vol. 19, 351-361.

Prezza, M. & Costantini, S. (1998). Sense of Community and Life Satisfaction: Investigation in three different territorial contexts. *Journal of Community and Applied Social Psychology*, 8, 181-194.

Sánchez-Vidal, A. (1991). *Psicología comunitaria: Bases conceptuales y operativas – métodos de intervención*. Barcelona: PPU.

Speller, G. (2005). A importância da vinculação aos lugares *In* Soczka, L. (Org.) *Contextos humanos e psicologia ambiental*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Speller, G. & Twigger-Ross, C. (2009). Cultural and Social Disconnection in the Context of a Changed Physical Environment. *Human Geography*, 91 (4), 355–369.

Tönnies, F. (1947). *Comunidad y Sociedad*. Buenos Aires: Avellaneda.

Williams, D. R. and J. W. Roggenbuck. 1989. *Measuring place attachment: Some preliminary results*. San Antonio, TX. Paper presented at the Symposium on Outdoor Recreation Planning and Management, NRPA Symposium on Leisure Research.

Williams, D. R. & Stewart S. (1998). Sense of place: An elusive concept that is finding a home in ecosystem management. *Journal of Forestry*, 96 (5), 18–23.

Wombacher, J., Tagg, S. K., Bürgi, T. & MacBryde, J. (2010). Measuring Sense of Community in the military: Cross-cultural Evidence for the Validity of the Brief Sense of Community Scale and Its Underlying Structure. *Journal of Community Psychology*, Vol. 38, No. 6, 671-687.

Yin, B. (2010). Research on Influencing Factors of Members' Sense of Community in virtual professional communities. *International Journal of Continuing Education and Lifelong Learning*, Vol. 2 (2), 101-116.

Anexos

Esclarecimento sobre o estudo

Esta folha é para si.

Agradecemos que a leia e, se quiser, pode guardá-la para referência futura.

Obrigada por participar neste estudo. A sua participação é muito importante para nós.

Os estudos que se inserem no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, têm por objectivos estudar a Percepção do Sentido de Comunidade, o Apoio Social, a Importância da Comunidade e a sua relação com os processos de realojamento.

Ao preencher uma parte do questionário pode parecer-lhe que está a responder a itens muito semelhantes, estes existem para efeitos de validação das escalas, agradecemos que responda a todos os itens.

As respostas a todas as partes do questionário manter-se-ão completamente confidenciais e anónimas. Se quiser algum esclarecimento relativamente a este estudo, por favor contacte uma das pessoas em baixo.

Anexo II

Questionário

Solicitamos a sua colaboração para responder às questões que se seguem, salientando que **não existem respostas correctas ou erradas**, o que interessa é o que pensa e sente realmente. Todas as respostas são **anónimas**.

É muito importante que leia atentamente e **responda individualmente a todas as questões de todos os grupos**. Deixar questões em branco inutiliza todos os questionários. Agradecemos a sua colaboração!

1. Idade: _____

2. Sexo: Feminino Masculino

3. Nacionalidade: _____

4. Estado Civil: Solteiro União de Facto Casado Separado Divorciado Viúvo

5. Indique o nível de escolaridade mais elevado que completou:

Menos que o 4º ano

9º ano ou equivalente

4º ano

12º ano ou equivalente

Mestr. /

Dout.

Menos que o 9º ano

Ensino superior

6. O seu agregado familiar é constituído por quantos elementos? _____

7. Quantos filhos tem? _____

7.1. Se respondeu como tendo filhos, indique o **nº de filhos** que vivem consigo:

8. Indique o grupo onde se enquadra a sua profissão. Caso esteja desempregado ou dependa financeiramente de alguém assinale em baixo.

Grupo 1 (Quadros Superiores de Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresas).

Grupo 2 (Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas).

Grupo 3 (Técnicos e Profissionais de Nível Médio).

Grupo 4 (Pessoal Administrativo e Similares).

Grupo 5 (Pessoal dos Serviços e Vendedores).

Grupo 6 (Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pesca).

Grupo 7 (Operários, Artífices e Trabalhadores Similares).

Grupo 8 (Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores de Montagem).

Grupo 9 (Trabalhadores Não Qualificados).

Desempregado

Doméstica

Estudante

9. Indique a zona do país em que reside.

Norte

Grande Lisboa

Centro

Sul

Arquipélagos

10. Sempre residiu no bairro onde vive actualmente? Sim Não

10.1. Se respondeu não, há quanto tempo reside? _____

10.2. Trabalha/estuda no bairro onde reside? Sim Não

11. Em que actividades participa no seu bairro?

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Voluntariado | <input type="checkbox"/> Actividades Desportivas |
| <input type="checkbox"/> Escuteiros | <input type="checkbox"/> Actividades relacionadas com a sua religião |
| <input type="checkbox"/> Actividades de lazer | <input type="checkbox"/> Actividades Comunitárias |
| <input type="checkbox"/> Outra(s). Qual (ais)? _____ | <input type="checkbox"/> Nenhuma |

Anexo III

EBSC – Escala Breve de Sentido de Comunidade

Ao responder ao seguinte conjunto de questões, pense no bairro onde vive actualmente. Usando a escala apresentada em baixo, assinale com um X o número que, em cada item, indica o grau de concordância relativamente à sua actual relação com o seu bairro, excluindo as pessoas que vivem consigo. Por exemplo, se concordasse fortemente com o item 1, assinalaria o quadrado junto do número 4 à direita deste item. Se discordasse, assinalaria o número 2, e assim sucessivamente.

	<u>Discordo</u> <u>Fortemente</u>	<u>Discordo</u>	<u>Concordo</u>	<u>Concordo</u> <u>Fortemente</u>
1. Consigo obter o que necessito neste bairro.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
2. Este bairro ajuda-me a satisfazer as minhas necessidades.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
3. Sinto-me como um membro deste bairro.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
4. Eu pertenço a este bairro.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
5. Se quiser posso colaborar com o que se passa neste meu bairro.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
6. As pessoas deste bairro influenciam-se umas às outras.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
7. Sinto-me ligado(a) a este bairro.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
8. Tenho bons laços com outros neste bairro.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4

Anexo IV

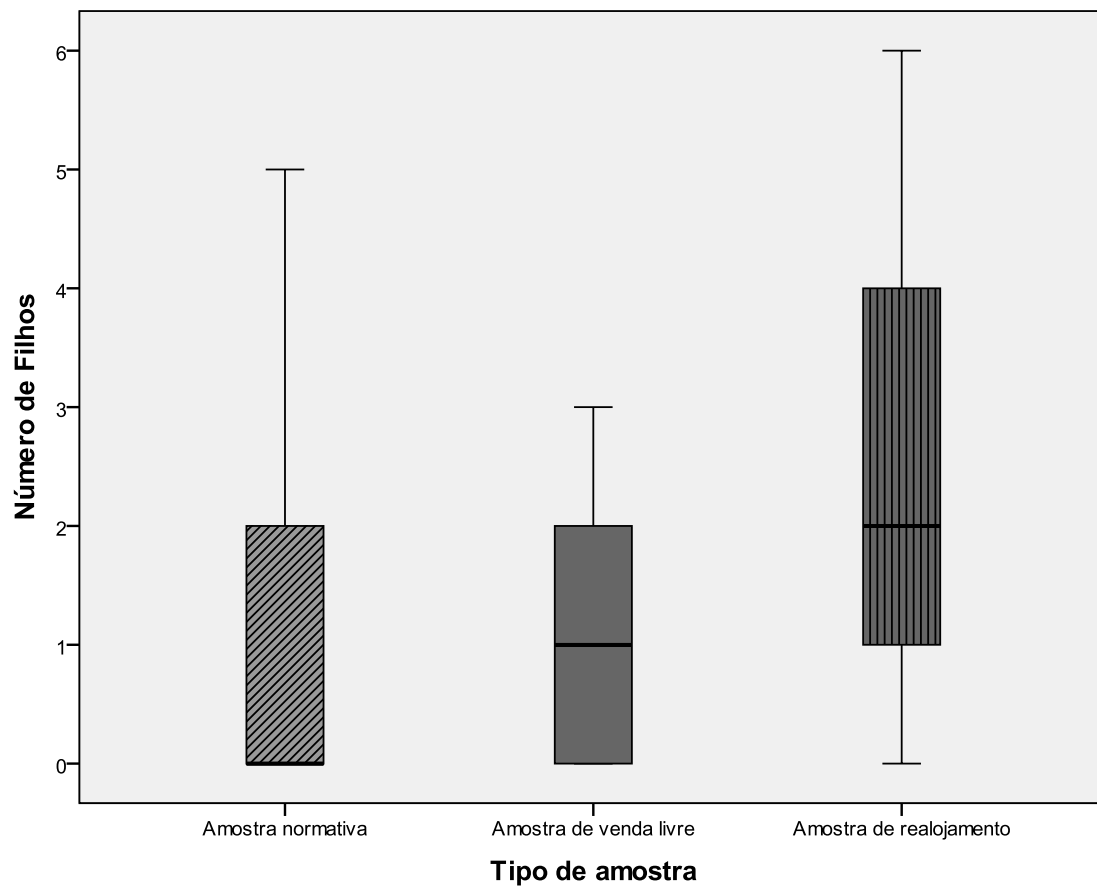
IMPORTÂNCIA DA COMUNIDADE

Ao responder ao seguinte conjunto de questões, pense nas suas actuais relações com as pessoas do seu bairro. Usando a escala apresentada em baixo, assinale um número junto a cada item, que indique o grau de importância do item em relação à sua actual relação com essas pessoas, excluindo as pessoas que vivem consigo. Por exemplo, se considerasse fortemente importante o item 1, assinalaria o quadrado junto do número 4 à direita deste item. Se considerasse pouco importante, assinalaria o número 2, e assim sucessivamente.

	<u>Nada</u> <u>Importante</u>	<u>Pouco</u> <u>Importante</u>	<u>Importante</u>	<u>Muito</u> <u>Importante</u>
1. Até que ponto a pertença ao seu bairro é importante na sua identidade pessoal?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	1	2	3	4
2. Até que ponto as pessoas que conhece no seu bairro são uma parte importante da sua vida social?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	1	2	3	4

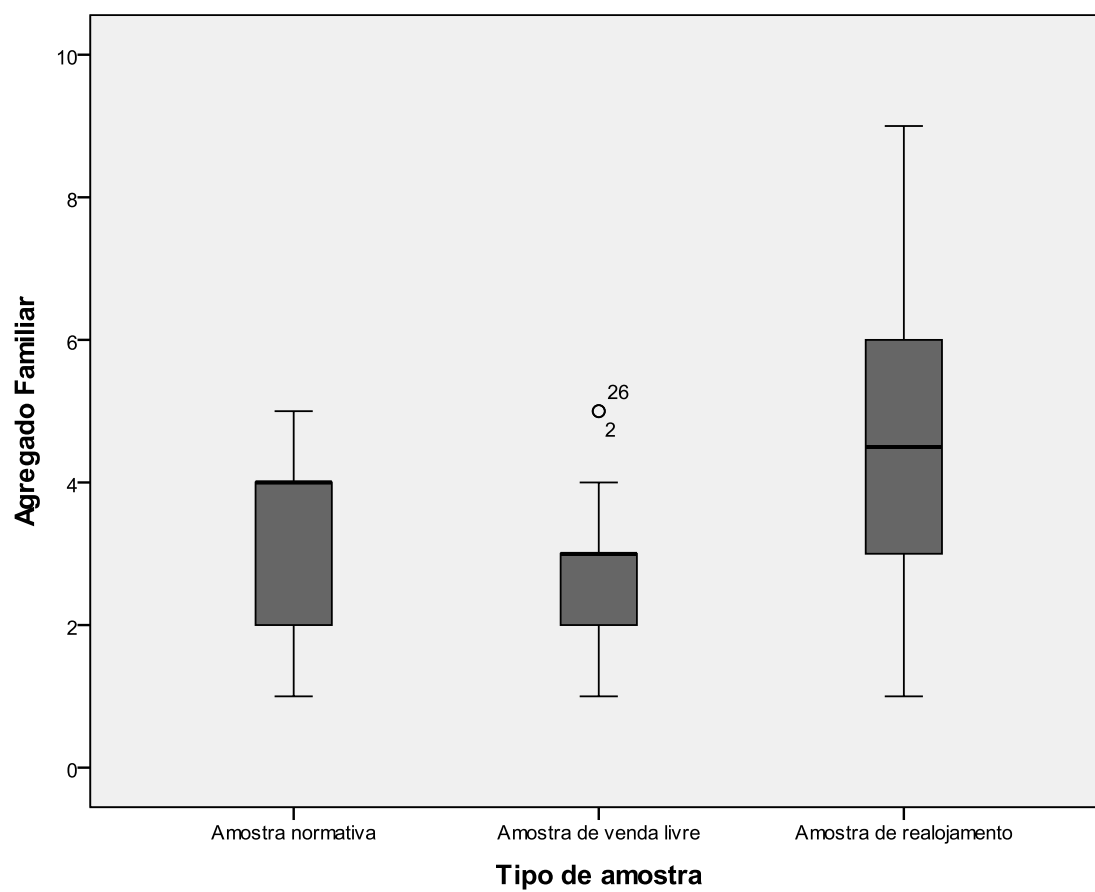
Anexo V

Número de filhos por amostra



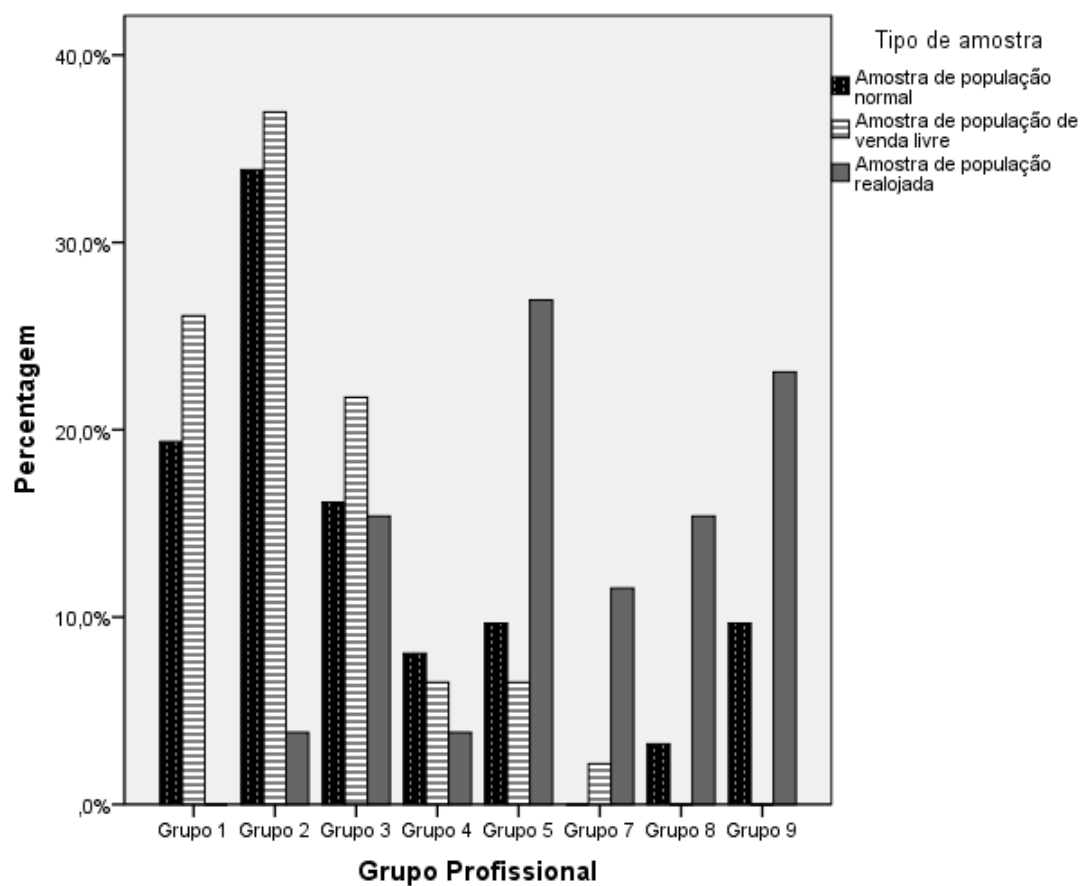
Anexo VI

Distribuição do Agregado Familiar por amostra



Anexo VII

Grupos Profissionais por amostra



Anexo VIII

Scree Plot da Análise Fatorial

